

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIANA MOREIRA SERRA PEREIRA

TRABALHO INVISÍVEL: Fim da escala 6x1 e múltiplas jornadas femininas nas redes
sociais

São Luís
2025

MARIANA MOREIRA SERRA PEREIRA

TRABALHO INVISÍVEL: Fim da escala 6x1 e múltiplas jornadas femininas nas redes sociais

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Tadeu Gomes Teixeira

São Luís

2025

Pereira, Mariana Moreira Serra.

Trabalho invisível : fim da escala 6x1 e múltiplas jornadas femininas nas redes sociais / Mariana Moreira Serra Pereira. - 2025.

90 p.

Orientador(a): Tadeu Gomes Teixeira.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Trabalho Reprodutivo. 2. Trabalho Feminino. 3. Redes Sociais. I. Teixeira, Tadeu Gomes. II. Título.

MARIANA MOREIRA SERRA PEREIRA

TRABALHO INVISÍVEL: Fim da escala 6x1 e múltiplas jornadas femininas nas redes sociais

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Trabalho, Saúde e Subjetividade

Aprovado em: 20/11/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tadeu Gomes Teixeira (orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dra. Adriana de Lima Reis Araújo
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dra. Patrícia Rakel de Castro Sena
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de iniciar agradecendo ao meu axé. Aos orixás, voduns e entidades que me abriram os caminhos – tortuosos, por vezes – para que esse momento acontecesse.

Agradeço à minha família, minha mãe, Nilda, e minha tia-madrinha Carmen Serra, que são meu ninho quente. Ao meu irmão Fernando, meu parceiro da vida, e cunhada, Aiara Dália, pelas fofocas e pelo apoio de sempre. À minha filha Cecília, pela paciência nos momentos de ausência e por tudo o que ela me ensina todos os dias, apenas sendo ela mesma. Ao meu pai, Fernando, no recomeço.

A Salomão Gualberto, Amélia Letícia e Wallace Trancoso, Felipe Melônio e Jhoie Araújo, pela linda família afetiva que somos. A Patrícia Martins, pelo apoio irrestrito.

A Nádia Macedo, que abriu a porta certa no momento certo e que me mostrou caminhos. A Arnaldo Macedo, pela parceria na parentalidade.

À professora Adriana Araújo, minha sempre orientadora. Pelos puxões de orelha quando necessário e pela parceria e amizade de sempre.

A Isabella Larissa, por existir.

A Toshimi Nishiwaki, Luana Rafisa, Adriana Sauaia e Ana Tereza Ferreira, pela nossa irmandade de hoje e de sempre. A Leonardo Evangelista, Clauzer Pinheiro e Heliane Fernandes, Yuri Feitosa, Carolina Portela, Jonata Galvão, Letícia Cardoso, Alberto Júnior e Luciano Nascimento, pelo acolhimento e apoio quando foi necessário.

A Guilherme Cerveira e Lucas Ribeiro, pela amizade, pelas conversas madrugada adentro e por trazer leveza em momentos tão necessários.

A Júlia Rodrigues, que nunca me deixou esquecer que era possível, e está sendo. A todos os meus colegas de turma. A Bia Leão, pela ajuda e companheirismo na luta diária pela defesa de direitos humanos.

A todas as companheiras e companheiros na luta por direitos e por um mundo menos desigual.

Entre nossos camaradas, há muitos de quem se pode infelizmente dizer: “por baixo do comunista se encontra o filisteu”. E uma prova mais evidente disso é o fato de que os homens observam tranquilamente as mulheres se desgastando em um trabalho monótono, extenuante, que absorve seu tempo e suas forças: as tarefas domésticas (...). Poucos maridos, mesmo entre os proletários, pensam em aliviar um pouco as dificuldades e as preocupações de suas mulheres ou até em liberá-las completamente delas, auxiliando no “trabalho feminino”
(Lênin apud Zetkin, 1934)

Trecho extraído de DELPHY, Christine. **O inimigo principal:** a economia política do patriarcado. Revista Brasileira de Ciência Política, p. 99-119, 2015.

RESUMO

Esta dissertação analisa como o debate em torno do fim da escala 6x1 (seis dias consecutivos de trabalho por um de descanso) se desenvolve na rede social TikTok, com foco especial nas narrativas que envolvem o trabalho feminino e as múltiplas jornadas das mulheres. Ancorado na teoria marxista e na perspectiva do feminismo marxista sobre o trabalho reprodutivo e a divisão sexual do trabalho, o estudo adota uma abordagem quali-quantitativa, combinando extração de dados de 709 publicações no TikTok, no período de 01 a 08 de julho de 2025, com a *hashtag* #escala6por1. com a análise desses conteúdos por meio de ferramentas computacionais como o *Quanteda*. A pesquisa identifica que o debate sobre o fim da escala 6x1 gera alto engajamento quando tratado de forma geral, sem o recorte de gênero, especialmente quando protagonizado por vozes masculinas. Mas, esse engajamento cai substancialmente quando o foco recai sobre o trabalho feminino, o trabalho de cuidado e a sobrecarga das mulheres. Enquanto as discussões mais amplas revelam traços de identificação coletiva e discursos de classe, o conteúdo que aborda as experiências das mulheres em jornadas duplas e triplas permanece fragmentado e individualizado. A análise linguística mostra a predominância de uma linguagem coloquial e afetiva, característica da comunicação emocional predominante no TikTok, na qual o engajamento é impulsionado mais por emoções compartilhadas do que por alinhamentos racionais ou ideológicos. Os resultados indicam que os debates digitais sobre o trabalho nas redes sociais podem, ao mesmo tempo, ampliar e invisibilizar desigualdades de gênero. O trabalho invisível realizado pelas mulheres segue sub-representado, mesmo dentro de um movimento viral sobre condições de trabalho. Através do estudo, é possível concluir o significativo potencial das redes sociais como campo de observação das percepções coletivas sobre o trabalho e como espaço para o surgimento de novas formas de mobilização em torno dos direitos trabalhistas e de gênero.

Palavras-chave: trabalho reprodutivo; trabalho feminino; redes sociais.

ABSTRACT

This master's thesis analyzes how the 6x1 work schedule (six consecutive workdays followed by one day of rest) has been debated on TikTok, laying emphasis on narratives involving women's work and their multiple daily roles. Grounded in Marxist theory and the Marxist feminist perspective on reproductive labor and the sexual division of labor, the study adopts a quali-quantitative approach, combining data extraction from 709 TikTok posts published between July 1st and July 8th, 2025, using the hashtag #escala6por1, analyzing this content through computational tools such as Quanteda. The research identifies that the debate on the end of the 6x1 schedule engender high engagement when discussed in general terms, without a gender perspective, especially when led by male voices. However, this engagement drops substantially when the focus shifts to women's work, care labor, and women's overload. While broader discussions show signs of collective identification and class discourse, the contents about women's experiences of double and triple work shifts remains fragmented and individualized. The linguistic analysis shows a predominance of colloquial and affective language, characteristic of the emotional communication that predominate on TikTok, where engagement is driven more by shared emotions than by rational or ideological alignment. The results indicate that digital debates about work on social media can simultaneously amplify and obscure gender inequalities. The invisible labor performed by women remains underrepresented, even within a viral movement about working conditions. Through this study, it is possible to conclude that social medias have significant potential as a field for observing collective perceptions of labor and as a space for the emergence of new kinds of mobilization around labor and gender rights.

Keywords: reproductive labor; women's work; social media.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas

VAT: Vida Além do Trabalho

PEC: Proposta de Emenda Constitucional

CLT: Consolidação das Leis do Trabalho

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cuidado de Pessoas e Tarefas Domésticas, segundo o IBGE	34
Figura 2 - Trabalho doméstico por tipo, segundo o IBGE	35
Figura 3 – Engajamento médio por tipo de post.....	61
Figura 4 – Top 20 tokens (amostra completa).....	62
Figura 5 – Distribuição dos conteúdos por categoria - recorte.....	71
Figura 6 – 20 termos mais usados	72
Figura 7 – Top 15 – <i>Hashtags</i> (geral).....	73
Figura 8 – Top 15 – <i>Hashtags</i> (recorte)	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas do Processo de Pesquisa	45
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Trabalhadores por grande setor e por sexo - RAIS	35
Tabela 2 - Setor de Serviços, por sexo e subsetor - RAIS.....	36
Tabela 3 – Top 10 dos vídeos mais engajados a partir da hashtag “escala6por1”	47
Tabela 4 – Vídeos com referências às mulheres.....	54
Tabela 5 – Engajamento total do top 5, com postagens destacadas:	59
Tabela 6 – Engajamento por perfil	60
Tabela 7 – Engajamento por categoria no debate.....	60
Tabela 8 – Bigramas e trigramas	64
Tabela 9 – Postagens sobre Trabalho Feminino, Doméstico ou de Cuidado de Casa.....	66
Tabela 10 – Tabela Resumo das Categorias.....	70

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO	15
2.1	Trabalho reprodutivo	18
2.2	Relações Sociais de Sexo.....	21
2.3	Divisão Sexual do Trabalho.....	23
3	MUDANÇAS LEGISLATIVAS RECENTES NA JORNADA DE TRABALHO	25
3.1	Possíveis Implicações para trabalhadores e empresas	29
3.2	Gênero e Jornada de Trabalho	32
4	METODOLOGIA DA PESQUISA	42
4.1	Descrição do campo de pesquisa	42
4.2	Procedimentos metodológicos	43
5	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	46
5.1	Escala 6 X 1: conteúdos mais engajados e suas métricas	46
5.2	Escala 6x1, trabalho e mulheres: engajamento e principais conteúdos	54
5.3	Escala 6X1: linguagens, estratégias e contornos discursivos	61
5.4	Mulheres na escala 6x1: linguagens e contornos discursivos (a concluir)	66
6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	77
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
□	REFERÊNCIAS.....	87

1 INTRODUÇÃO

A escala 6x1 – seis dias consecutivos de trabalho por um dia de descanso – tem raiz na legislação trabalhista brasileira desde meados do século XX. O direito a um repouso semanal remunerado de 24 horas consecutivas, preferencialmente aos domingos, foi garantido pela Lei n. 605/1949 (Brasil, 1949). Essa previsão consolidou um padrão em que, a cada semana de trabalho, o empregado tem um dia de folga obrigatória. Anteriormente, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 1943 permitia jornadas de até 48 horas semanais (8 horas diárias X 6 dias), refletindo as práticas da época. A Constituição Federal de 1988 modernizou esse quadro ao fixar a jornada máxima em 8 horas diárias e 44 horas semanais (Miranda, 2004). Essa limitação constitucional, prevista no artigo 7º, incisos XIII e XV, viabiliza o regime 6x1 ao compatibilizar seis dias de trabalho (totalizando 44h) com um dia de descanso remunerado (Miranda, 2004). Assim, desde 1988 o ordenamento consagra o descanso semanal obrigatório (preferencialmente aos domingos) e reduz a carga horária semanal em relação ao período anterior, porém sem abolir a prática do seis por um.

Historicamente, a adoção do 6x1 atendeu tanto a demandas sociais por descanso quanto às necessidades produtivas em setores que operam continuamente. A preferência pelo domingo como folga reflete tradições culturais e religiosas, incorporada em lei, mas admite exceções quando as exigências técnicas da empresa assim o requerem (Brasil, 1949). Desde a era Vargas, o Brasil alinhou-se a tendências internacionais de proteção ao trabalhador, estabelecendo limites à jornada e assegurando tempo de lazer. Ao longo do tempo, categorias profissionais conquistaram jornadas menores por meio de negociação coletiva (por exemplo, bancários com 30 horas semanais), mas o padrão geral de seis dias de trabalho permaneceu comum, sobretudo em comércio e serviços. Setores como comércio varejista, hotelaria, bares e restaurantes historicamente adotam a escala 6x1, muitas vezes com jornadas diárias um pouco menores – por exemplo, aproximadamente 7h20 em seis dias, totalizando 44 horas semanais (Lopes, 2004). Já em segmentos industriais e administrativos, é frequente o regime de cinco dias de trabalho (5x2), distribuindo as 44 horas em cinco jornadas mais longas ou reduzindo a carga para 40 horas semanais por opção empresarial. Esse panorama diverso serve de pano de fundo para o debate recente: questiona-se se o modelo 6x1 ainda é adequado no século XXI ou se deve ser reformulado em prol de jornadas mais curtas.

Nesse sentido, iniciou-se uma mobilização social originada na internet em setembro de 2023 a partir do depoimento de Rick Azevedo, balconista de uma farmácia no Rio de

Janeiro¹. O hoje influenciador, recorreu à rede social TikTok para publicar um vídeo, em forma de desabafo, que viralizou. Essa visibilidade chamou a atenção de parlamentares, de partidos e de movimentos sociais, dando vida ao hoje conhecido movimento VAT – Vida Além do Trabalho, tendo o próprio Rick como liderança e rosto do movimento nas redes sociais.

O movimento VAT provocou e ainda provoca a discussão sobre o fim da escala 6x1 nas redes sociais brasileiras², mantendo vivo o debate sobre o tema e tornando-o cada vez mais aprofundado. Portanto, nas redes sociais é possível encontrar publicações acerca de qual escala alternativa é a mais adequada (5x2 ou 4x3, por exemplo), quem são os trabalhadores mais atingidos, sobre os impactos da escala 6x1 na vida das mulheres, tendo em vista as questões de gênero, impactos sobre a saúde mental de trabalhadoras e trabalhadores, etc.

São comuns também as publicações acerca da sobrecarga feminina e suas múltiplas jornadas, compartilhando experiências específicas de mulheres que acumulam as condições de dona de casa, trabalhadora em escala 6x1 e mãe, por exemplo. E a partir disso, pergunta-se: como se relacionam estes conteúdos?

Este debate nas redes (e fora delas) segue ativo. Dessa forma, a proposta deste trabalho é analisar um dos recortes possíveis no âmbito desta discussão, através do seu levantamento e análise de seu conteúdo. Como objetivo geral, este trabalho traz uma análise do conteúdo do debate virtual acerca do fim da escala 6x1. Já os objetivos específicos, são: identificar, neste conteúdo, o que é dito sobre o trabalho feminino (tanto produtivo quanto reprodutivo) e identificar, no conjunto dos dados, o que é publicado sobre o trabalho doméstico, no contexto dessa discussão – a partir dos conceitos que serão desenvolvidos no referencial teórico.

1 <https://exame.com/carreira/escala-6x1-movimento-vat-vida-alem-do-trabalho/>

2 <https://exame.com/carreira/de-desabafo-no-tik-tok-a-movimento-nacional-como-comecou-a-campanha-contra-a-escala-6x1/>

2 PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO

O conceito central aqui é o conceito de trabalho em Marx, dada a orientação teórico-metodológica deste escrito e de seu referencial bibliográfico. Assim, trabalho, para Marx, é a interação entre homem e natureza, que parte de uma idealização e que tem o objetivo de gerar bens que tenham utilidade para sua sobrevivência.

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força humana de trabalho em sentido fisiológico, e graças a essa sua propriedade de trabalho humano igual ou abstrato ele gera o valor das mercadorias. Por outro lado, todo trabalho é dispêndio de força humana de trabalho numa forma específica, determinada à realização de um fim, e, nessa qualidade de trabalho concreto e útil, ele produz valores de uso. (Marx, 2015; p.104)

Sendo assim, podemos chamar de trabalho toda interferência fundada na vontade humana de transformar um determinado insumo em um produto com valor de uso, com utilidade. A capacidade humana de trabalhar, Marx denomina “força de trabalho”:

Por força de trabalho ou capacidade de trabalho entendemos o complexo [Inbegriff] das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade [Leiblichkeit], na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer tipo. (Marx, 2015, p.180)

Esta força de trabalho, quando posta em atividade torna-se trabalho, e é a partir de então que efetivamente agrega valor (de uso e/ou troca) a um determinado insumo. E como tal, torna-se ela própria uma mercadoria, uma vez que é o único elemento deste sistema cujo próprio valor de uso é criar valor. Assim, o possuidor da força de trabalho – o trabalhador livre – a coloca à venda, e por um período determinado, sob pena de vender-se como se fosse ele próprio, a mercadoria (Marx, 2015).

Ao analisar a força de trabalho enquanto mercadoria, e da geração de seu valor, segundo Marx (2015), o valor da força de trabalho é medido através do tempo necessário para sua produção e reprodução. Portanto, a força de trabalho que é vendida, pelo trabalhador livre, como mercadoria, é medida a partir do tempo necessário para produzir um produto específico. Porém, essa força de trabalho só pode estar à disposição do mercado se o trabalhador estiver vivo – razão pela qual a produção da força de trabalho consiste na manutenção e reprodução do indivíduo, do trabalhador livre. Em outras palavras, consiste na sua subsistência, na satisfação de suas necessidades imediatas - cujos meios tem que ser suficientes para manter o

indivíduo como tal em sua condição normal de vida (entendida como o contexto sócio-cultural e natural/biológico em que o trabalhador viva):

Como valor, a força de trabalho representa apenas uma quantidade determinada do trabalho social médio nela objetivado. A força de trabalho existe apenas como disposição do indivíduo vivo. A sua produção pressupõe, portanto, a existência dele. Dada a existência do indivíduo, a produção da força de trabalho consiste em sua própria reprodução ou manutenção. Para sua manutenção, o indivíduo vivo necessita de certa quantidade de meios de subsistência. Assim, o tempo de trabalho necessário à produção da força de trabalho corresponde ao tempo de trabalho necessário à produção desses meios de subsistência, ou, dito de outro modo, o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários à manutenção de seu possuidor (Marx, 2015, p. 182).

Ainda, para Marx, o vendedor da força de trabalho – o trabalhador livre - é mortal. Sendo assim, para que a força de trabalho, enquanto mercadoria, se perpetue, precisa de reposição – uma vez que envelhece ou morre. Assim, na análise marxiana, a classe trabalhadora precisa produzir filhos:

O proprietário da força de trabalho é mortal. Portanto, para que sua aparição no mercado de trabalho seja contínua, como pressupõe a contínua transformação do dinheiro em capital, é preciso que o vendedor de força de trabalho se perpetue, “como todo indivíduo vivo se perpetua pela procriação”. As forças de trabalho retiradas do mercado por estarem gastas ou mortas têm de ser constantemente substituídas, no mínimo, por uma quantidade igual de novas forças de trabalho. A quantidade dos meios de subsistência necessários à produção da força de trabalho inclui, portanto, os meios de subsistência dos substitutos dos trabalhadores, isto é, de seus filhos, de modo que essa peculiar raça de possuidores de mercadorias possa se perpetuar no mercado (Marx, 2015, p. 182).

Por último, Marx integra ao custo de formação daquela força de trabalho – aprendizados dos quais o trabalhador precisa para exercer um determinado sobre uma determinada matéria prima e assim dar origem a um produto. Portanto, para Marx, compõem o valor da força de trabalho, enquanto mercadoria: o valor dos meios necessários ao atendimento das suas necessidades básicas; o valor necessário para criação dos filhos, para perpetuação da força de trabalho no futuro; e o valor da formação do vendedor da força de trabalho, para o exercício do trabalho (Marx, 2015).

A análise do próprio Marx sobre esta composição de valor da força de trabalho, por si só, já nos leva a algumas reflexões a respeito do que está em jogo quando tratamos de trabalho reprodutivo. É nítido que se trata de trabalhos realizados no âmbito doméstico. Mas, apesar de ter pensado a questão da reprodução da força de trabalho no valor desta força, Marx não se aprofunda na análise da importância da reprodução da força de trabalho enquanto uma

das fontes de opressão feminina, até porque nesta reflexão cabem inúmeras outras formas de reprodução, muitas delas opressivas também. Inclusive, o trabalho doméstico não é a única forma de reprodução social embora seja uma delas. Sobre isto, Silvia Federici (2019) reflete que provavelmente fatores históricos levaram Marx a esta “indiferença”, por assim dizer. Segundo a autora, no momento da escrita de “O Capital”, a família nuclear como a conhecemos estava em formação, posto que a forma de organização do trabalho ainda abrangia o trabalho de toda a família na fábrica, incluindo as crianças:

Nós também suspeitamos que a indiferença aparente de Marx ao trabalho doméstico possa estar ancorada em fatores históricos. Não nos referimos apenas à dose de machismo que Marx certamente partilhava com os seus contemporâneos (e não apenas com eles). No tempo em que Marx estava escrevendo, a família nuclear e o trabalho doméstico em torno dela ainda estavam para ser consolidados. O que estava diante dos olhos de Marx era a mulher proletária, que estava empregada junto com o marido e as crianças na fábrica, e a mulher burguesa, que tinha uma empregada e, independentemente de trabalhar ou não, não estava produzindo a mercadoria força de trabalho. A ausência da família nuclear não queria dizer que os trabalhadores e as trabalhadoras não acasalavam e copulavam, mas que era impossível existir relações familiares e trabalho doméstico quando cada membro da família gastava quinze horas por dia na fábrica; não havia nem tempo nem espaço físico para uma vida familiar. (Federici, 2019, 71)

A propósito, é importante lembrar que o próprio Marx reconhece a historicidade do modo de satisfação das necessidades imediatas do trabalhador livre, enquanto pressuposto da reprodução da força de trabalho, assim como sua extensão. Ou seja, embora não se aprofunde no tema, existe espaço para uma teorização a respeito:

As próprias necessidades naturais, como alimentação, vestimenta, aquecimento, habitação etc., são diferentes de acordo com o clima e outras peculiaridades naturais de um país. Por outro lado, a extensão das assim chamadas necessidades imediatas, assim como o modo de sua satisfação, é ela própria um produto histórico e, por isso, depende em grande medida do grau de cultura de um país, mas também depende, entre outros fatores, de sob quais condições e, por conseguinte, com quais costumes e exigências de vida se formou a classe dos trabalhadores livres num determinado local. Diferentemente das outras mercadorias, a determinação do valor da força de trabalho contém um elemento histórico e moral. No entanto, a quantidade média dos meios de subsistência necessários ao trabalhador num determinado país e num determinado período é algo dado (Marx, 2015, p.317).

Assim, podemos entender que quando falamos em produção e reprodução da força de trabalho no capitalismo, estamos falando de tudo o que é necessário ao processo de formação de nova mão de obra, ou seja, da criação dos filhos e sua educação inserida no contexto do capital; e de tudo o que é necessário para o atendimento das necessidades imediatas do trabalhador, como alimentação, saúde e o que Marx chama de “exigências de vida”.

2.1 Trabalho reprodutivo

A partir desta noção de reprodução da força de trabalho em Marx é que começa a se construir a noção de trabalho reprodutivo. Trata-se do trabalho necessário para reprodução das forças produtivas, englobando o trabalho doméstico, mas não se restringindo a ele. Segundo Federici, a obra marxiana, ao abordar esta questão, tratou-a como o simples consumo de mercadorias por parte dos trabalhadores e ao trabalho que a produção destas mercadorias requer (Federici, 2019), não atentando para o trabalho envolvido na produção da força de trabalho de forma geral e para tornar estas mercadorias de fato úteis para esta reprodução, que envolvem cozinhar, lavar as roupas, manter um ambiente saudável e isento de doenças e o cuidado com os filhos.

Assim, de acordo com a autora, foi a revolta das mulheres nas décadas de 60 e 70, contra o exercício deste trabalho, que jogou luz sobre a importância dele na economia capitalista. Com efeito, a autora vai ainda mais longe:

As feministas não estabeleceram apenas que a reprodução da força de trabalho envolve uma gama muito mais ampla de atividades do que o consumo de mercadorias, posto que os alimentos devem ser preparados, as roupas devem ser lavadas, os corpos precisam ser acariciados e cuidados; o reconhecimento da importância da reprodução e do trabalho doméstico realizado pelas mulheres para a acumulação de capital as levou a uma reconsideração das categorias marxistas e a um novo entendimento da história, dos fundamentos do desenvolvimento capitalista e da luta de classes. (Federici, 2019, p. 203).

A partir disso, passam a se desenvolver conceitos que aprofundam esta relação específica – a da mulher com o processo de produção do capital. Apesar das várias tentativas de “inclusão” das mulheres no movimento operário, a verdade é que em nenhuma destas ocasiões, a mulher esteve como centro da análise, em relação à produção capitalista. Delphy (2015) aponta esta contradição de modo bastante objetivo:

De fato, o materialismo histórico repousa na análise dos antagonismos sociais em termos de classe, elas próprias definidas por seu lugar no processo de produção. Ora, ao mesmo tempo que se pretende aplicar estes princípios ao estudo da situação das mulheres como mulheres, omite-se pura e simplesmente a análise das relações específicas das mulheres com a produção, isto é, uma análise de classes. (Delphy, 2015; p. 99)

Assim, pensar o trabalho reprodutivo enquanto condição *sine qua non* da própria existência da força de trabalho, significa contextualizá-lo adequadamente no âmbito do

processo de produção do capital. Por trabalho reprodutivo, compreende-se aquele trabalho que tem por objetivo a criação de seres humanos, para reprodução da força de trabalho (Delphy, 2015). Em outras palavras, o trabalho reprodutivo é aquele que é feito não com o objetivo de obtenção de valor de troca, mas sim de manutenção da energia de trabalho, enquanto mercadoria (Sousa & Ferraz, 2023):

Ser trabalho produtivo ou improdutivo para o capital não altera o fato de ser gasto de energia físico-psíquica sob a perspectiva de quem trabalha. Tanto em um quanto no outro, há o desgaste da força de trabalho (Ferraz & Maxta, 2022). Como dito anteriormente, a energia precisa ser repostada, porém, tal reposição não ocorre na mesma esfera em que se trabalha para o capital. É nesse sentido que a classe trabalhadora necessita de um trabalho que lhe oportunize as condições de reposição da energia de trabalho, da força de trabalho enquanto mercadoria. Trata-se aqui do trabalho reprodutivo.

Assim, no âmbito dos estudos feministas tem sido amplamente debatida a questão do trabalho reprodutivo - tanto na forma de trabalho produtivo para o capital, como na forma de trabalho doméstico não remunerado. Para trazer luz à questão: se de um lado, o trabalho produtivo é aquele que produz valor de uso, valor e mais-valia, o trabalho reprodutivo, em tese, para na produção do valor de uso, dentro da esfera da casa.

No entanto, ao longo do processo de globalização, as lutas feministas da década de 1960 trouxeram a noção, para o capital, de que o investimento em reprodução “não compensa”, pois não é garantia de aumento na produtividade do trabalho. E por conta disso, operou-se uma reorganização das atividades reprodutivas, que passaram a existir no modo produtivo, na forma de serviços. Segundo Silvia Federici,

(...) não só o investimento estatal na forma de trabalho diminuiu drasticamente, mas as atividades reprodutivas foram reorganizadas na forma de serviços produtores de valor que os trabalhadores devem comprar e pelos quais devem pagar. Desta forma, o valor produzido pelas atividades reprodutivas se materializa imediatamente, em vez de ser condicionado ao desempenho dos trabalhadores que eles reproduzem (Federici, 2019, p. 210)

No entanto, esta mercantilização do trabalho reprodutivo não eliminou de forma alguma o trabalho reprodutivo doméstico não remunerado, e muito menos a divisão sexual do trabalho. Aqui vemos dois pontos importantes, inclusive. O primeiro é que nessa expansão do setor de serviços as mulheres são maioria nos setores ligados à reprodução da força de trabalho (alimentação, saúde, educação, hospedagem e o próprio trabalho doméstico

remunerado). O segundo, é que o trabalho doméstico não remunerado segue existindo, sem salários, a título de carinho, e segue invisibilizado. Nas palavras da autora:

Mas a expansão do setor de serviços não eliminou, de forma alguma, o trabalho reprodutivo doméstico não remunerado, nem aboliu a divisão sexual do trabalho na qual ele está imerso, o que ainda divide a produção e a reprodução segundo os sujeitos que realizam essas atividades e a função discriminatória do salário e a falta dele (Federici, 2019, p.210)

E assim, dentro do processo capitalista, acaba por ser considerado um trabalho improdutivo – apesar de sua essencialidade no âmbito deste processo, uma vez que ele necessariamente precisa ser feito para que exista a reposição da força de trabalho enquanto mercadoria.

Trazendo estas abstrações para o exercício concreto da vida cotidiana, o conceito de trabalho reprodutivo trata da realização dos trabalhos do âmbito da casa, como cozinhar, manter um local saudável para descanso e outras atividades que mantenham a força de trabalho em atividade – incluindo o cuidado com os filhos. No momento em que fazemos esse exercício, passa a ser possível enxergar quem executa historicamente estes trabalhos.

Uma problematização desta questão, no âmbito do marxismo, é trazida mais detalhadamente por Christine Delphy (2005), ao tratar da economia política do patriarcado. A autora resgata o que chama de “embrião” de pesquisas feministas sobre a temática na década de 70, momento da ascensão do feminismo mundo afora:

Para sobreviver, toda sociedade deve criar bens materiais (produção) e seres humanos (reprodução). Esses ensaios centram a análise da opressão às mulheres em sua participação específica na produção (e não mais apenas na reprodução), por meio do trabalho doméstico e da criação dos filhos, analisados como tarefas produtivas. Desse modo, eles constituem o embrião de uma análise feminista radical baseada nos princípios marxistas: ao rejeitar as pseudoteorias, que fazem da família antes de tudo um lugar de doutrinação ideológica dos “futuros produtores”, destinado a apoiar indiretamente apenas a exploração capitalista, e ignoram sua função econômica, mostram que na família se dá uma exploração econômica: a das mulheres. Após exporem que as tarefas domésticas e a criação dos filhos cabem exclusivamente às mulheres e que elas não são remuneradas, esses estudos concluem que as mulheres têm, por conseguinte, uma relação específica com a produção, comparável à servidão. (Delphy, 2015)

É a partir desta problematização que a autora evidencia a existência de um antagonismo real, que reside no trabalho doméstico não remunerado exercido pelas mulheres. Esse trabalho é feito no âmbito de uma relação particular – com o marido – e é excluído do contexto da troca, que é o que de fato posicionaria este trabalho no cenário da produção

capitalista, conferindo-lhe valor. Os benefícios que a mulher auferia com este tipo de trabalho não advém dele, uma vez que existe a obrigação de manutenção desta mulher por seu marido. Importante ressaltar aqui que essa manutenção nada mais é que a manutenção da força de trabalho feminina em funcionamento, sendo de pleno interesse daquele explora esse trabalho.

De outro lado, Silvia Federici traz outros elementos a este conceito, que o ampliam. Uma primeira chave é a constatação de que a teoria marxista trata de um tipo bem específico de trabalhadores, homens, adultos e brancos e empoderados pelo trabalho:

Ao longo do tempo, aumentou a percepção de que o marxismo, filtrado pelo leninismo e pela social-democracia, expressou os interesses de um setor limitado do proletariado mundial: o dos trabalhadores homens, adultos, brancos, que tiravam seu poder do fato de trabalharem nos principais setores da produção industrial capitalista nos níveis mais altos de desenvolvimento tecnológico (Federici, 2019)

E assim, ampliando uma outra gama de opressões ligadas a uma reestruturação da economia global baseada não somente na exploração do trabalho feminino, mas também no colonialismo, é possível ressaltar uma série de conflitos que certamente possuem importância sócio-política. Por isso, ao analisar a reestruturação da reprodução, a autora aponta que a problemática da reprodução da força de trabalho necessita de uma análise em escala planetária, abrangendo também as questões ambientais que ameaçam a reprodução da vida – reprodução esta que passa a ser a tônica do conceito.

Uma vez que aqui estamos analisando um recorte de gênero em relação às relações de trabalho contemporâneas, é importante estabelecermos este limite aqui, tendo em vista o arcabouço teórico referente a esta questão específica, no âmbito do conceito de reprodução. O trabalho doméstico aqui ganha um contorno importante, mas ele não é o único componente desta análise. E para estruturar esta análise, alguns outros conceitos chave serão aplicados.

2.2 Relações Sociais de Sexo

A literatura informa sobre os parâmetros sociais que dão conta do “lugar da mulher” – sempre ligado à esfera do cuidado, e nunca dissociado do exercício do papel de mãe, esposa e dona de casa - ideia sintetizada e contextualizada por algumas autoras no conceito de relações sociais de sexo.

De acordo com Anne Marie Devreux (2005), em um sentido marxista, uma relação social é uma relação estruturalmente de oposição entre dois grupos sociais distintos, que tenham interesses antagônicos. Segundo a autora, falar em relações sociais de sexo constitui

um enriquecimento do marxismo, campo de estudo que trata essencialmente de relações onde aquilo que é construído materialmente – e não apenas simbolicamente – é primordial.

O ponto reforçado pela autora é o de que existe primordialmente, a partir deste antagonismo estrutural, uma relação de opressão de homens sobre mulheres. Enquanto categoria de análise, o conceito de relações sociais de sexo exprime diversas expressões da dominação masculina – podendo ser utilizado no singular para exprimir uma opressão específica, desde que, se refira a esta oposição (Devreux, 2005). Portanto, este conceito nomeia expressamente a confrontação entre duas classes, baseadas no marcador “sexo”:

Tratava-se de designar o fato de que essas relações não se limitavam a uma só esfera, a da família, por exemplo, nem às relações homens/mulheres no âmbito do casal conjugal. Tratava-se de falar das formas diversas assumidas por essas relações, das formas materiais da exploração do trabalho das mulheres, por exemplo, e das formas simbólicas de opressão ligadas à definição de imagens negativas da mulher e de suas atividades. Assim apreendidas, as relações sociais de sexo recobrem, então, todos os fenômenos de opressão de exploração e subordinação das mulheres aos homens. (Devreux, 2005).

Assim, no caso das relações sociais de sexo, esta relação social é baseada no critério “sexo” – e aqui estamos falando especificamente de sexo biológico, e não de gênero. Cabe aqui refletir que o sexo biológico acaba por ser o critério primordial do antagonismo estrutural entre homens e mulheres, ou em outras palavras utilizadas pela autora, entre “machos e não-machos”. O marcador aqui, para delimitar o lugar de oprimido ou opressor, acaba sendo de fato a presença ou ausência de pênis. Muito embora a autora reflita, acompanhando outras teóricas, que o gênero precede o sexo, por sua pré-existência no campo simbólico, no campo material é essa presença ou ausência que vai ser determinante para essa definição de papéis sociais.

Segundo Daniele Kergoat (2003), a relação social é sempre uma tensão social. Embora não seja algo palpável, essa tensão produz efeitos na sociedade, e a partir do que está em disputa, os dois grupos sociais se colocam em polos opostos. Diferente de Anne Marie Devreux, Kergoat demarca de forma clara que em seus escritos, trata especificamente da tensão entre o grupo social homens e o grupo social mulheres – e não da dualidade materializada no sexo biológico (macho x fêmea). Para a autora, o que está em disputa nas relações sociais de sexo é a divisão sexual do trabalho – o que torna as duas categorias indissociáveis, formando um sistema.

Assim, é possível dizer que as relações sociais de sexo são por definição, relações de antagonismo. Ainda, as diferenças das práticas sociais de homens e mulheres é de ordem

sócio-cultural, jamais biológica. Essa construção não é unicamente ideológica e tem uma base material, notadamente no que diz respeito à divisão sexual do trabalho, sobre a qual falaremos mais adiante. Sobre isto, Anne-Marie Devreux coloca a divisão sexual do trabalho como mesmo uma das modalidades de ação a partir das quais as relações sociais de sexo se exprimem (Devreux, 2005), juntamente com a divisão sexual do poder e a categorização do sexo, ressaltando também esta relação sistêmica e indissociável.

Segundo Kergoat, estes dois grupos – homens e mulheres – estão em permanente tensão acerca de uma questão específica, que é o trabalho. Assim, a autora associa as relações sociais de sexo à divisão sexual do trabalho de forma inseparável. Assim, uma vez que no campo das relações sociais de sexo o que está em disputa é a divisão sexual do trabalho, suas características enquanto construto teórico estão associadas. São elas: o antagonismo entre os dois grupos sociais; sua origem social, nunca biológica; sua base material, ou seja, da prática social, e não unicamente ideológica; e por último, mas importantíssima, se baseia em uma relação de poder, de dominação do sexo masculino sobre o feminino. Além disso, ela se encontra em todas as sociedades conhecidas, funcionando como base e sendo estruturante de todo o campo social, ao invés de ser transversal a ele, como outras relações sociais. (Kergoat, 2003).

2.3 Divisão Sexual do Trabalho

O que está em disputa nas relações sociais de sexo é a divisão do trabalho, conforme foi definido anteriormente. Este conceito nasce no contexto dos estudos marxistas sobre trabalho na França, na segunda metade do século 20. Sua problematização chave é o fato de que não adianta simplesmente que as mulheres passem a exercer o trabalho produtivo, porque simplesmente a soma do trabalho produtivo com o trabalho doméstico não “fecha essa conta”. Em outras palavras, se de um lado as mulheres passam a estar presentes no mercado de trabalho remunerado e a serem sujeitos autônomos no capitalismo – pois, passam a ter acesso ao seu próprio dinheiro – de outro o trabalho doméstico continua sendo por elas exercido.

Isto quer dizer que estamos falando aqui que uma parte do trabalho realizado pelas mulheres é considerado um trabalho sem valor de troca. Assim, o conceito de divisão social do trabalho nasce da tomada de consciência de uma opressão em específico, que é a apropriação do trabalho feminino no contexto da família – o que leva necessariamente ao estudo dessa divisão e por consequência, das relações sociais de sexo.

Para Kergoat (2003), a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo. Como dito anteriormente, é ela que está em jogo na tensão social entre homens e mulheres, estruturante da sociedade. E como tal, é ela que determina a posição de cada um destes atores no capitalismo, destinando os homens ao trabalho produtivo e as mulheres ao trabalho reprodutivo.

Para Devreux (2005), a divisão sexual do trabalho é a organização social do compartilhamento do trabalho e do emprego entre estes dois grupos. Essa divisão atravessa o campo social, articulando os trabalhos produtivo e reprodutivo, excluindo ou integrando as mulheres ao mundo produtivo, de acordo com a conjuntura e a necessidade do capital.

É importante lembrar aqui que ainda não existe um consenso sistematizado a respeito destes dois termos (trabalho produtivo e reprodutivo), então no capitalismo global mesmo o trabalho reprodutivo pode ser produtivo para o capital. Isto acontece quando falamos dos serviços de alimentação, do trabalho doméstico remunerado (que inclui faxineiras, cuidadoras e etc), e outros que são essenciais para a reprodução da força de trabalho, mas atualmente são comercializáveis e geram mais valia (Federici, 2019). No entanto, isto não muda o teorizado por nenhuma das autoras, uma vez que a chave da ideia de trabalho reprodutivo é o trabalho necessário para que se consume a reprodução da força de trabalho, partindo do conceito do próprio Marx (2015). Assim, essa reconfiguração da divisão sexual do trabalho no capitalismo global é tão somente a articulação citada por Devreux (2005), conjuntural e em acordo com a necessidade do capital – mas ainda assim continua destinado às mulheres.

3 MUDANÇAS LEGISLATIVAS RECENTES NA JORNADA DE TRABALHO

Nos últimos anos, o Brasil vivenciou propostas significativas de reforma na estrutura da jornada de trabalho, com foco particular na revisão do regime 6x1. Em 2017, a Reforma Trabalhista (Lei 13.467/2017) trouxe maior flexibilização na negociação de jornadas – por exemplo, regulamentou em lei acordos de turnos especiais como a jornada 12x36 horas. No entanto, aquela reforma não alterou os limites de 8 horas diárias e 44 semanais previstos na Constituição, mantendo intacta a base legal do 6x1. A discussão sobre redução da jornada ganhou força posteriormente. Em 2019, tramitou na Câmara dos Deputados a PEC 221/2019, do Dep. Reginaldo Lopes (PT-MG), propondo reduzir a carga semanal de 44 para 36 horas de forma escalonada em dez anos. Essa iniciativa, contudo, avançou pouco (aguardando parecer na Comissão de Constituição e Justiça) (Miranda, 2004).

O debate ressurgiu com mais vigor em 2023-2024, impulsionado por mobilizações sociais e novas articulações políticas. Um movimento social denominado “Vida Além do Trabalho” passou a defender ativamente o fim da escala 6x1, alegando que ela é abusiva e prejudica a saúde e as relações pessoais dos trabalhadores (Poder360, 2024). Parlamentares da base governista abraçaram a causa: a deputada Érika Hilton (PSOL-SP) liderou a coleta de assinaturas para uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) instituindo a semana de quatro dias. Em novembro de 2024, diversos deputados governistas anunciaram no plenário apoio à ideia de quatro dias de trabalho por semana e três dias de descanso, iniciando a busca formal de 171 assinaturas necessárias (Miranda, 2024). O tema rapidamente dividiu opiniões no Parlamento, entre defensores da proposta e opositores que pregavam mais cautela.

Em fevereiro de 2025, a PEC foi oficialmente protocolada na Câmara dos Deputados após obter 226 assinaturas de apoio de parlamentares de vários partidos (Martins & Borges, 2025). Trata-se da PEC 8/2025, de autoria da Dep. Érika Hilton, que altera o texto constitucional para fixar a duração normal do trabalho em até 8 horas diárias e 36 horas semanais, com quatro dias de trabalho e três de repouso (Xavier, 2025). Essa mudança substituiria o atual limite de 44 horas/semana, eliminando na prática a possibilidade de jornada em seis dias (Xavier, 2025). A proposta contou inicialmente com apoio predominante de partidos de esquerda (PT, PSOL, PCdoB), mas também atraiu assinaturas em partidos de centro e centro-direita (Martins & Borges, 2025), indicando interesse multipartidário em discutir o tema. Cumprida a etapa de protocolo, a PEC aguarda despacho da presidência da Câmara para iniciar tramitação na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) (Martins &

Borges, 2025) (Martins & Borges, 2025). Se aprovada nas comissões, ainda precisará passar em dois turnos no Plenário da Câmara e, posteriormente, no Senado (Xavier, 2025).

Paralelamente, o Poder Executivo adotou postura cautelosa. O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) reconheceu a relevância do debate, porém defende que mudanças na escala 6x1 sejam tratadas preferencialmente por negociação coletiva, envolvendo empregadores e sindicatos (Doca, 2024). Em nota de novembro de 2024, o MTE afirmou considerar “plenamente possível e saudável” evoluir para uma jornada reduzida (mencionando 40 horas semanais como exequíveis), mas reiterou que uma discussão setorializada seria ideal, dado que há setores que funcionam ininterruptamente e demandam soluções específicas (Doca, 2024). Essa posição foi endossada pelo ministro Luiz Marinho, que sugeriu que acordos coletivos poderiam implementar reduções, sem necessidade imediata de emenda constitucional (Poder360, 2024). A fala do ministro, no entanto, gerou críticas de parte da opinião pública nas redes sociais, que esperava um apoio mais enfático do governo federal ao fim do 6x1 (Poder360, 2024). Por outro lado, o vice-presidente Geraldo Alckmin declarou que a redução da jornada é uma tendência mundial diante dos ganhos de produtividade tecnológica, cabendo à sociedade e ao Congresso debater o assunto com profundidade (Miranda, 2024). Em suma, o governo Lula indica apoio ao debate e não se opõe à ideia em tese, mas procura envolver interlocutores sociais e manter certo equilíbrio, sem assumir formalmente a autoria da PEC. De fato, líderes governistas na Câmara, como Dep. José Guimarães (PT-CE), apoiam a proposta e articulam sua aprovação, buscando também engajamento do presidente Lula e do Ministro do Trabalho para consolidar maiorias qualificadas (Martins & Borges, 2025). Paralelamente, o Poder Executivo adotou postura cautelosa.

O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) reconheceu a relevância do debate, porém defende que mudanças na escala 6x1 sejam tratadas preferencialmente por negociação coletiva, envolvendo empregadores e sindicatos (Doca, 2024). Em nota de novembro de 2024, o MTE afirmou considerar “plenamente possível e saudável” evoluir para uma jornada reduzida (mencionando 40 horas semanais como exequíveis), mas reiterou que uma discussão setorializada seria ideal, dado que há setores que funcionam ininterruptamente e demandam soluções específicas (Doca, 2024). De fato, líderes governistas na Câmara, como Dep. José Guimarães (PT-CE), apoiam a proposta e articulam sua aprovação, buscando também engajamento do presidente Lula e do Ministro do Trabalho para consolidar maiorias qualificadas (Martins & Borges, 2025).

A proposta de encerrar o regime 6x1 suscita argumentos favoráveis baseados em direitos trabalhistas e qualidade de vida, e argumentos contrários voltados a impactos econômicos e flexibilidade. Entre os defensores do fim da escala 6x1, o ponto central é a melhoria das condições de vida do trabalhador. Considera-se que seis dias de labuta contínua são exaustivos e incompatíveis com as necessidades modernas de descanso, convívio familiar e saúde. Parlamentares favoráveis qualificam a jornada 6x1 como “muito pesada, injusta e explorativa”, ressaltando que a vida do trabalhador não deve se resumir ao esforço laboral diário (Miranda, 2024). Estudos indicam que a carga média de trabalho no Brasil (cerca de 39 horas semanais) já excede a média mundial de 38 horas (Miranda, 2024). Assim, reduzir a jornada semanal seria uma forma de humanizar o trabalho, aumentando a satisfação e até a produtividade do empregado (Miranda, 2024). Defensores também argumentam que semanas de quatro dias ajudariam a evitar o esgotamento profissional (burnout) e outros problemas de saúde ocupacional (Miranda, 2024).

Outro argumento frequente a favor é o potencial de geração de empregos. Com menos dias por trabalhador, haveria necessidade de contratar mais funcionários para manter o mesmo nível de produção ou atendimento, distribuindo melhor as horas de trabalho disponíveis (Miranda, 2024). Essa lógica sugere que a redução para 36 horas semanais poderia criar vagas e reduzir o desemprego, pois “gera mais emprego para outras mulheres e homens deste país”, nas palavras de uma deputada apoiadora (Miranda, 2024). Além disso, a folga extra permitiria que os trabalhadores buscassem qualificação profissional, trabalho informal complementar ou empreendedorismo, se desejassem, favorecendo a dinamização da economia local. No campo jurídico, advoga-se que o Estado tem o dever de aprimorar direitos trabalhistas de acordo com a evolução social. A CLT e a Constituição de 1988 foram marcos de sua época; agora, argumenta-se, é necessário um novo avanço semelhante ao que foi a redução de 48 para 44 horas há mais de três décadas. Internacionalmente, experiências contemporâneas em países europeus com semana de 4 dias vêm sendo citadas como exemplo de manutenção de produtividade com maior bem-estar do empregado, embora os contextos econômicos sejam distintos. Em resumo, os favoráveis afirmam que a medida elevaria a qualidade de vida sem prejudicar a economia no longo prazo, e representaria atualizar a legislação trabalhista brasileira aos padrões do século XXI (Miranda, 2024).

Do lado dos contrários à mudança, sobressaem preocupações de ordem econômica e administrativa. Entidades patronais, como a Confederação Nacional do Comércio (CNC), alertam que reduzir a jornada de 44 para 36 horas sem diminuir os salários implicaria aumento

expressivo dos custos operacionais para as empresas (Matsui, 2024). Esses custos adicionais poderiam se traduzir em demissões em massa ou dificuldade de criação de novas vagas, frustrando a promessa de geração de empregos (Matsui, 2024). Em setores intensivos em mão de obra – comércio, serviços, construção – a produtividade por hora adicional pode não compensar a contratação de 20% mais funcionários, pressionando especialmente os pequenos negócios com margens reduzidas. Outra crítica recorrente é que uma regra universal de quatro dias pode comprometer o funcionamento de atividades comerciais e de serviços contínuos, afetando o atendimento aos consumidores (Matsui, 2024). Por exemplo, lojistas temem que, se for inviável contratar mais pessoal, poderiam ser forçados a fechar as portas mais dias ou reduzir horários de funcionamento, impactando as vendas. Nesse sentido, a CNC defende que qualquer mudança seja debatida por setor, via negociação coletiva, evitando a imposição de uma regra única para toda a economia (Matsui, 2024). Essa visão converge com a do MTE e de parlamentares da oposição, que preferem ajustes flexíveis conforme as características de cada categoria profissional.

A competitividade econômica do Brasil também é invocada como argumento contra. Críticos dizem que reduzir a jornada por lei poderia reduzir a produtividade total e encarecer o custo do trabalho, tornando produtos e serviços brasileiros menos competitivos frente a mercados onde se trabalha mais horas. Alguns parlamentares opositores classificam a PEC como uma medida precipitada ou mesmo demagógica, sugerindo tratar-se de "proselitismo político" sem base na realidade produtiva (Miranda, 2024). Ressalta-se que experiências de jornada de quatro dias ainda são recentes e concentradas em países desenvolvidos de menor população, não havendo garantia de sucesso em um país continental como o Brasil (Miranda, 2024). Ademais, argumenta-se em favor da liberdade individual: cada trabalhador deveria poder negociar com seu empregador o regime de trabalho que lhe convém, podendo optar por trabalhar mais dias se almejar uma renda maior, por exemplo. Nesse prisma, forçar três dias de folga poderia tolher quem prefere ou necessita trabalhar em dias extras (Miranda, 2024). Parlamentares contrários afirmam que muitos empregados, principalmente em ocupações informais ou de renda mais baixa, contam com horas extras ou bicos no dia de folga para complementar salário; a rigidez da folga obrigatória poderia privá-los dessa possibilidade se não houver compensação financeira adequada (Miranda, 2024). Em resumo, os opositores temem que a mudança traga riscos à economia – desemprego, perda de eficiência e engessamento das relações de trabalho – e defendem que ajustes na jornada devam ser

alcançados por meio de diálogo e negociação, em vez de emenda constitucional peremptória (Miranda, 2024).

3.1 Possíveis Implicações para trabalhadores e empresas

Na hipótese de implementação da semana de quatro dias (escala 4x3), as implicações práticas seriam profundas tanto para os trabalhadores quanto para as empresas. Do ponto de vista dos trabalhadores, a mudança significaria a conquista de mais tempo livre e potencial melhoria do equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. Um fim de semana de três dias poderia ser dedicado à família, ao lazer, aos estudos ou a projetos pessoais, o que tende a beneficiar o bem-estar físico e mental. Espera-se uma redução da fadiga acumulada e do estresse, com possíveis impactos positivos na saúde – menor incidência de doenças ocupacionais e acidentes de trabalho decorrentes de jornadas extenuantes. Também poderia haver ganhos de produtividade: com empregados mais descansados e satisfeitos, o rendimento nas horas trabalhadas tende a aumentar, conforme sugerem experiências internacionais e argumentos de especialistas (Miranda, 2024). Organizações sindicais ressaltam que o trabalhador brasileiro, em especial os de baixa renda, finalmente teria “vida além do trabalho”, podendo conviver mais com os filhos, participar da comunidade e até procurar qualificação para progredir na carreira (Miranda, 2024). Ademais, se mantidas as remunerações mensais atuais (premissa dos defensores da PEC), a remuneração por hora de trabalho subiria, corrigindo uma distorção histórica e elevando o valor do trabalho humano frente ao capital.

Por outro lado, os trabalhadores podem enfrentar desafios de adaptação. Em setores onde atualmente se trabalham seis dias curtos (como comércio), a transição para quatro dias possivelmente implicará jornadas diárias um pouco mais longas (por exemplo, 9 horas em vez de 7h20) para atingir 36 horas semanais – ainda dentro do limite de 8 diárias previsto na PEC. Isso exigirá maior cadência de trabalho diário, o que embora compensado pelos dias adicionais de descanso, pode requerer adaptação física e organizacional. Alguns trabalhadores temem perder a oportunidade de realizar horas extras remuneradas ou trabalhos extras no dia de folga tradicional (sábado ou domingo), caso todos passem a ter mais dias livres simultaneamente. Entretanto, a folga adicional também pode abrir espaço a que, voluntariamente, o trabalhador busque um segundo emprego de tempo parcial ou atividade informal nos dias livres, se precisar complementar renda, já que a lei não proibiria trabalho em projetos pessoais nos dias de descanso – ela apenas limitaria a duração da jornada principal formal. De qualquer forma, a efetividade da medida para os trabalhadores dependerá

de como for implementada: se for mantido o salário mensal integral para a nova jornada reduzida, os ganhos em qualidade de vida não virão acompanhados de perda financeira; porém, qualquer tentativa de redução salarial proporcional (o que a PEC não prevê, mas poderia ocorrer em negociações individuais desequilibradas) mitigaria os benefícios. Importa notar que a maioria dos trabalhadores formais atualmente não cumpre exatamente 6x1 – muitos já trabalham 5 dias por semana. Estimativas indicam que uma parcela minoritária (possivelmente menos de 20% dos empregados formais) está sujeita à escala 6x1 estrita (Brambila, 2025), concentrada em setores específicos. Para esses milhões de trabalhadores do comércio, serviços e agricultura que hoje têm apenas um domingo livre por mês ou folgas intercaladas, a mudança seria sentida de forma particularmente positiva, ao passo que para quem já goza de dois dias de descanso hoje, haveria benefício modesto (ganho de mais um dia). Em termos de aceitação social, pesquisas de opinião sugerem apoio majoritário à redução da jornada: em dezembro de 2024, uma pesquisa Datafolha apontou que 64% dos brasileiros apoiam o fim da escala 6x1 (Brambila, 2025), refletindo a percepção pública de que a medida traria justiça e avanços nas relações de trabalho.

Para as empresas, as implicações são complexas e variam conforme o setor e porte do negócio. Em linhas gerais, a adoção de um regime 4x3 significaria que cada empregado disponibilizaria 36 horas semanais em vez de 44. Manter o mesmo nível de atividade econômica exigiria contratar mais trabalhadores ou pagar horas extras aos atuais para cobrir o dia a menos – ambos representando aumento de custos. A CNC projetou que, sem redução de salário, haveria um acréscimo imediato de cerca de 22% na despesa de mão de obra por unidade produtiva, caso se mantenha a operação nos seis dias atuais (Matsui, 2024). Empresas de grande porte talvez consigam absorver parte desse impacto redistribuindo funções ou investindo em automação (por exemplo, supermercados adotando mais caixas de autoatendimento, restaurantes utilizando aplicativos para pedidos, etc. (Brambila, 2025)). Negócios menores podem enfrentar dificuldade financeira. Uma preocupação concreta é o risco de demissões ou redução do ritmo de expansão de empregos: empregadores podem tentar equilibrar as contas enxugando quadros ou adiando novas contratações, especialmente se já operam no limite da rentabilidade (Matsui, 2024). Em alguns casos, empresas podem optar por reduzir dias de funcionamento ou expediente – por exemplo, pequenas lojas familiares poderiam fechar aos sábados ou domingos em vez de contratar um funcionário extra, o que afetaria seu faturamento e a conveniência dos consumidores.

Setores que operam 7 dias por semana, como saúde, transporte, segurança, turismo e comércio varejista, teriam de reorganizar completamente seus turnos de trabalho. Hoje, muitos adotam escalas de revezamento (ex.: 6x1 com folgas alternadas durante a semana). Com a nova regra, poderiam instituir escalas 4x3 alternadas entre diferentes grupos de empregados, de forma que a empresa funcione continuamente, mas cada indivíduo cumpra apenas quatro dias. Isso requereria adaptações na gestão de pessoas, incluindo uma potencial contratação de pessoa, para cobrir todo o horário de funcionamento das empresas. Haveria impacto também nos encargos trabalhistas e previdenciários: mais empregados significa mais contribuições à seguridade, o que é positivo para a arrecadação, mas também eleva os custos unitários das empresas com benefícios obrigatórios (férias, 13º proporcionais etc.). Alternativamente, em vez de contratar, algumas companhias poderiam buscar negociar flexibilizações – por exemplo, manter 44 horas em certas épocas do ano e compensar em outras (algo que dependeria de permissão legal específica se a PEC for rígida). Entretanto, por se tratar de norma constitucional, a margem para descumprimento seria pequena; espera-se que a fiscalização do trabalho cobraria estritamente o respeito ao novo limite semanal caso aprovado.

Do ponto de vista macroeconômico, os efeitos são incertos e objeto de estudo. Os proponentes da redução argumentam que o ganho de produtividade e a criação de empregos adicionais compensariam o aumento de custo unitário do trabalho, podendo até estimular o crescimento econômico: mais pessoas empregadas significam mais renda circulando e maior consumo, o que retroalimenta a demanda interna. Já os críticos temem um efeito inverso: elevação de custos pode levar a aumento de preços (pressão inflacionária) ou perda de competitividade das exportações, freando investimentos. É possível que ocorram impactos diferenciados por setor. Setores de alta tecnologia ou serviços especializados, nos quais a mão de obra qualificada já tende a ter jornadas flexibilizadas e valorização do descanso, poderiam se adaptar facilmente e talvez até atrair talentos com a semana curta. Por outro lado, setores tradicionais como indústrias manufatureiras intensivas em trabalho, agroindústrias e comércio popular sentiriam mais dificuldades e poderiam demandar políticas de transição – por exemplo, desoneração tributária temporária ou apoio para contratação – a fim de se ajustarem sem perdas. Essa necessidade de planejamento setorial foi destacada por economistas (Brambila, 2025). Possivelmente serão discutidas exceções ou escalonamentos na implementação. O projeto original de 2019 previa transição de uma década (Miranda, 2024);

já a PEC atual não menciona fase de adaptação, mas emendas podem introduzi-la para mitigar choques.

Em termos de relações de trabalho, uma implicação prática será o reposicionamento da negociação coletiva. Caso a regra dos 4 dias seja emendada na Constituição, ela se tornará um patamar mínimo de direito indisponível (salvo talvez acordo para reduzir ainda mais a jornada, jamais para ampliar). Os sindicatos laborais tenderão a focar em assegurar que nenhum trabalhador tenha remuneração diminuída e em ajustar cláusulas de convenções para novo cálculo de horas-extras, bancos de horas e descansos remunerados. Já os sindicatos patronais e empresas buscarão flexibilidades dentro da lei – por exemplo, distribuindo as 36 horas em formatos não convencionais (poderia haver jornada de 4 dias x 9 horas = 36h, respeitando 8h + 1h extra diária negociada, ou mesmo modelos de semana comprimida). Questões como o pagamento do Descanso Semanal Remunerado (DSR) podem ganhar nova interpretação, já que atualmente o DSR é calculado com base em seis dias trabalhados; com três dias de descanso, esse cálculo precisará ser revisto nas folhas de pagamento.

O debate sobre a escala 6x1 envolve equilibrar ganhos sociais e trabalhistas desejados há décadas – redução da jornada e melhor qualidade de vida – com os possíveis custos e dificuldades de implementação no tecido produtivo brasileiro. Trata-se de um embate entre a evolução dos direitos do trabalho e a realidade econômica das empresas. A discussão recente no Brasil reflete tanto um contexto histórico-jurídico de contínua busca por melhoria das condições laborais (desde a CLT até hoje) quanto as transformações legislativas em curso, com uma PEC tramitando e mobilizando posicionamentos diversos. Os argumentos apresentados revelam valores em conflito: de um lado, justiça social, saúde e bem-estar; de outro, viabilidade econômica, liberdade contratual e competitividade. As implicações práticas serão profundas e exigirão diálogo entre governo, empresas e trabalhadores para serem equacionadas. Como recomendam especialistas, é essencial embasar essa decisão em dados concretos sobre quem são e onde estão os trabalhadores 6x1 (Brambila, 2025), e eventualmente calibrar a mudança para que se alcancem os objetivos sociais sem desorganizar a economia. O tema permanece em aberto, com desdobramentos legislativos e negociações a serem acompanhados nos próximos meses e anos.

3.2 Gênero e Jornada de Trabalho

Como a maioria dos temas que ultimamente tem sido publicamente debatidos, para uma análise mais completa faz-se necessário fazer recortes identitários – gênero, etnia, classe,

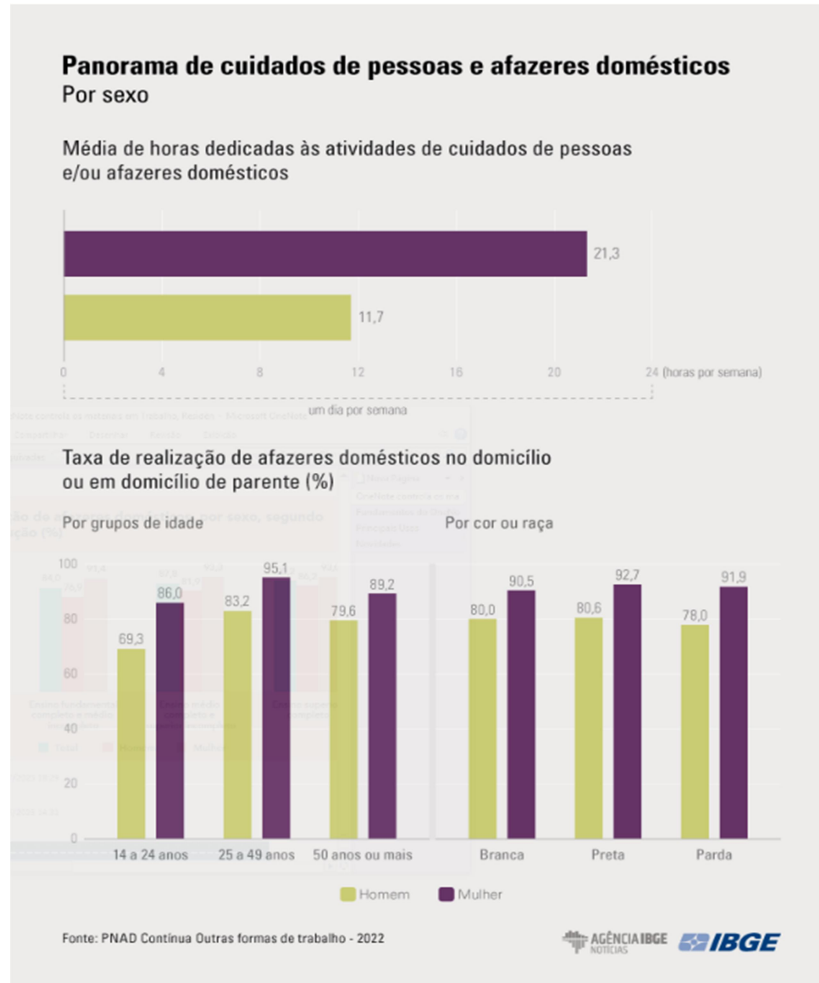
e outros. Sendo assim, nossa contribuição para o debate sobre a escala 6x1 trata sobre o trabalho feminino num contexto onde é vigente a escala 6x1. Problematicar isso engloba questões como jornada dupla ou tripla, diferentes posições no mercado de trabalho, maternidade, forma de contratação e suas precariedades e outros assuntos.

Falar de escala 6x1 e suas relações com o trabalho feminino, significa tratar, entre outras coisas, dos papéis sociais que são desenvolvidos por mulheres sobretudo a partir das famílias, e que impactam em vários aspectos de suas vidas, laboral e pessoal – e justamente por isso influenciam fortemente sua qualidade de vida.

Em seus aspectos práticos, estamos falando da jornada dupla ou às vezes tripla que estas mulheres exercem, pois ao chegar do seu trabalho em escala 6x1, toda uma nova jornada de trabalho lhe é reservada, relativa às atividades de cuidado com a família. Providências de alimentação, de organização da casa para manutenção da saúde familiar, e havendo crianças, idosos ou pessoas enfermas, as providências para o cuidado relativo a estas pessoas. Arrumar, lavar, passar, cozinhar, cuidar daqueles que não podem cuidar de si de forma plena – funções que costumeiramente são invisibilizadas socialmente. Em 2022, de acordo com o IBGE³, as mulheres dedicaram, semanalmente, em média 21,3 horas ao trabalho domésticos ao cuidado com pessoas, enquanto os homens dedicaram 11,7 horas – quase a metade:

³ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>

Figura 1 - Cuidado de Pessoas e Tarefas Domésticas, segundo o IBGE



Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>

Estão disponíveis também, através do IBGE, dados que confirmam as atividades desempenhadas pelas mulheres ainda que no âmbito da casa, tornando evidente a divisão sexual do trabalho, mesmo no âmbito da casa:

Figura 2 - Trabalho doméstico por tipo, segundo o IBGE**Pessoas que realizaram afazeres domésticos no domicílio, por sexo, segundo o tipo de afazer doméstico (%)**

Tipo	Total	Homem	Mulher
Preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar louça	82,4	66,0	95,7
Cuidar da limpeza ou manutenção de roupas e sapatos	78,2	60,8	92,3
Fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio, do automóvel, de eletrodomésticos ou outros equipamentos	45,2	60,2	32,9
Limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim	78,0	72,4	82,6
Cuidar da organização do domicílio (pagar contas, contratar serviços, orientar empregados etc.)	73,7	72,0	75,1
Fazer compras ou pesquisar preços de bens para o domicílio	76,3	73,6	78,4
Cuidar dos animais domésticos	50,8	47,9	53,2

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022.

Nota: Pessoas de 14 anos ou mais de idade.

Os dados acima apresentados demonstram, na prática, a divisão sexual do trabalho e quais atividades são destinadas às mulheres. Preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar a louça, cuidar da limpeza e manutenção de roupas e sapatos, limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim são as que mais são realizadas por mulheres, com uma discrepância de dez pontos percentuais – embora não sejam as únicas. Ou seja, os dados aqui trazidos desenharam bem a discrepância de horas e atividades de trabalho doméstico entre homens e mulheres.

Além disso, essa problematização abrange também o tipo de função desempenhada pelas mulheres no mercado de trabalho. Quando falamos de empregos celetistas, normatizados pela CLT – onde a escala 6x1 é de fato implantada – as mulheres estão mais presentes nos setores de serviços e do comércio, conforme informações do ano de 2024, obtidas através da base de dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais):

Tabela 1 - Trabalhadores por grande setor e por sexo - RAIS

IBGE Gr Setor	Sexo Trabalhador				
	Masculino		Feminino		Total
	n	%	n	%	
1 - Indústria	6.396.300	68,23%	2.978.981	31,77%	9.375.281
2 - Construção Civil	2.493.731	88,96%	309.498	11,04%	2.803.229
3 - Comércio	5.883.914	55,28%	4.760.472	44,72%	10.644.386
4 - Serviços	10.893.581	50,31%	10.758.597	49,69%	21.652.178
5 - Agropecuária	1.473.262	82,06%	322.178	17,94%	1.795.440
Total	27.140.788	58.66%	19.129.726	41.34%	46.270.514

Fonte: Base de Dados da RAIS.

Informações da mesma base de dados demonstram que, no setor de serviços, as mulheres são maioria justamente nas áreas do mercado de trabalho ligadas às mesmas funções

que exercem no âmbito da casa: alojamento e comunicação (que além de alojamento de curta duração, inclui o setor de alimentação), ensino e serviços médicos, odontológicos e veterinários (serviços de saúde). Esta é uma evidência de que a reprodução da força de trabalho, mesmo no seu modo produtivo, é exercida primordialmente por mulheres:

Tabela 2 - Setor de Serviços, por sexo e subsetor - RAIS

IBGE Subsetor	Sexo Trabalhador				
	Masculino		Feminino		Total
	N	%	N	%	
Instituição Financeira	468.778	45,11%	570.298	54,89%	1.039.076
Adm Técnica Profissional	4.651.533	57,45%	3.444.921	42,55%	8.096.454
Transporte e Comunicações	2.495.350	78,87%	668.379	21,13%	3.163.729
Aloj Comunic	2.030.352	43,71%	2.614.451	56,29%	4.644.803
Médicos Odontológicos Vet	615.626	22,31%	2.143.747	77,69%	2.759.373
Ensino	600.679	31,70%	1.294.484	68,30%	1.895.163
Administração Pública	31.263	58,35%	22.317	41,65%	53.580
Total	10.893.581	50,31%	10.758.597	49,69%	21.652.178
<i>Consulta executada em 02-07-2025 às 20:23h</i>					

Fonte: Base de Dados da RAIS

No comércio, setor onde a escala 6x1 também é predominante nos contratos de trabalho, a mulher também é maioria. E não à toa, as mulheres também são a maioria dentre os trabalhadores domésticos, trabalho este que por muito tempo sequer teve direitos trabalhistas reconhecidos - o que só aconteceu com a lei 11.324/2006 – e quando foi reconhecido, foi incluído no rol dos trabalhadores em escala 6x1.

Portanto, existem vários recortes possíveis ainda dentro da questão de gênero, falando mesmo da própria escala 6x1. Por conta disso, é conveniente diminuir mais ainda o recorte. Das várias questões que este tema pode trazer, este trabalho reflete a escolha pela problemática do exercício do trabalho doméstico, que na somatória das horas de trabalho exercidas por mulheres na já extenuante escala 6x1, as coloca em posição de vulnerabilidade maior do que os homens a questões relacionadas a exaustão e aos riscos de saúde mental.

Para analisar esta questão, é importante resgatar também dados sócio-históricos. Até o advento da revolução industrial, o imaginário coletivo e inquestionado atrelava o papel social da mulher à esfera da família e do cuidado – existindo dentro deste imaginário algum espaço de movimentação possível para mulheres solteiras que porventura precisassem se sustentar. Obviamente, este imaginário se construiu a partir de um ideal de feminilidade, da mulher branca e frágil, dependente financeiramente e emocionalmente e naturalmente

talentosa para os cuidados com o lar e a família. As mulheres negras, por outro lado, encontram-se até hoje fora desse ideal, além do fato de que a – e por conta disso mesmo são atravessadas de maneiras diferentes pelas questões referentes a trabalho.

No entanto, de forma geral, se de um lado, o trabalho produtivo (do ponto de vista do capital) é historicamente conferido aos homens – trazendo sim aqui a noção de sexo biológico, e não de gênero, contida no conceito de relações sociais de sexo (Kergoat, 2009) – de outro, os espaços reprodutivos – do trabalho doméstico e do cuidado com as crianças, enfermos e idosos, foram exclusivamente entregues às mulheres.

Se de um lado, as mulheres já desempenham um papel fundamental no trabalho produtivo mundial, de outro, não houve a correspondente baixa no trabalho doméstico e de cuidado que correspondesse e equilibrasse todas essas jornadas.

Assim, com o advento da revolução industrial, as mulheres passaram a estar massivamente no mercado de trabalho produtivo. A mão de obra feminina - assim como a infantil - passou a ser recrutada pelas fábricas. Com a expansão dos parques fabris no mundo todo, as organizações que dali nasceram precisavam de toda a mão de obra possível, pelo menor custo - daí a necessidade tanto da mão de obra feminina quanto da mão de obra infantil, que apenas poderiam vir das classes mais pobres. Segundo Hobsbawm (2000), em 1838, apenas 23% do contingente de trabalhadores da indústria fabril era composto por homens adultos – todo o restante era de mulheres, crianças e adolescentes até 18 anos. Segundo o autor, isso se deveu ao fato de que homens adultos se insurgiam contra a nova organização do trabalho – industrial - enquanto que mulheres e crianças eram mais dóceis.

Com a prosperidade econômica que sucedeu a primeira guerra mundial, e com implantação do Estado de Bem Estar Social americano, iniciou-se, a partir dos Estados Unidos da América, uma verdadeira febre pelo retorno da mulher à casa. Se no século XIX houve a entrada maciça de mulheres nas fábricas, no século XX o retorno do trabalho feminino à esfera da casa marcou, socialmente falando, os anos 40 e 50. No livro que inaugura a Segunda Onda feminista, Betty Friedan descreve o cenário do pós-guerra:

Nos quinze anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, esta mística de realização feminina tornou-se o centro querido e intocável da cultura americana contemporânea. Milhões de mulheres moldavam sua vida à imagem daquelas bonitas fotos de esposa suburbana beijando o marido diante do janelão da casa, descarregando um carro cheio de crianças no pátio da escola e sorrindo ao passar o novo espalhador de cera no chão de uma cozinha impecável. Faziam pão em casa, costuravam a roupa da família inteira e mantinham a máquina de lavar e secar em constante funcionamento. Mudavam os lençóis duas vezes por semana, em lugar de uma só, faziam cursos de tapeçaria e lamentavam suas pobres mães frustradas, que haviam sonhado seguir uma carreira. Seu sonho único era ser esposa e mãe perfeita. Sua mais alta ambição, ter cinco filhos e uma bonita casa. Sua única luta, conquistar

e prender o marido. Não pensavam nos problemas do mundo para além das paredes do lar e, felizes em seu papel de mulher, desejavam que os homens tomassem as decisões mais importantes, e escreviam, orgulhosas, na ficha do recenseamento: «Ocupação: dona de casa».

Estas mulheres de que trata o trabalho de Friedan são da geração seguinte à das mulheres que se empregam quase que compulsoriamente na indústria fabril – obviamente, considerando o caráter global da Revolução Industrial como fenómeno social. Depois de um tempo de calmaria, após a conquista dos direitos políticos trazida pela primeira onda feminista, esta foi uma das primeiras reivindicações das mulheres brancas e de uma classe média operária, vivendo sob os auspícios do clima de prosperidade das décadas de 50 e 60. Estas mulheres começaram a viver problemas identitários ligados ao confinamento no lar (Friedan, 1971).

A mídia teve um papel fundamental neste processo, de retorno ao lar. Passou a ser massivamente trabalhada a imagem da mulher dona de casa, seja em revistas femininas, de saúde, ou nas opiniões de especialistas. No entanto, o público-alvo destas mídias era efetivamente a mulher branca, que fazia parte de uma classe média operária beneficiada pela prosperidade econômica da época e pelo estado de bem estar social implantado nos Estados Unidos da América.

Sendo assim, falar em trabalho feminino implica em falar em dupla ou tripla jornada, dada a tradicional divisão sexual do trabalho que, a partir do advento do capitalismo, passa a atribuir às mulheres presença tanto nos espaços produtivos quanto reprodutivos. Nos dias atuais, o cenário demonstrado é de extrema sobrecarga feminina no que diz respeito a trabalho. Ainda que as mulheres estejam em todos os setores de atividade, praticamente em quase todas as posições, sejam operacionais ou de gestão, a elas ainda é atribuído todo o trabalho doméstico, o cuidado com as crianças, os idosos e enfermos da família.

Isto ocorre porque, embora já estejam massivamente presentes no mercado de trabalho produtivo, os espaços reprodutivos seguem sendo unicamente femininos, também. Em outras palavras, falando na prática, isto significa que além da jornada de trabalho 6x1, chamada de produtiva, as trabalhadoras ainda acumulam sobre si o trabalho reprodutivo de manutenção do espaço de descanso, alimentação e convivência da família. Esse trabalho inclui a organização do espaço, a alimentação e todos os elementos necessários à vida e à continuação da capacidade produtiva de toda a família, além dos cuidados com enfermos, crianças e idosos.

Com este pano de fundo, é inevitável que esse recorte seja feito no âmbito da discussão sobre a escala 6x1 e sua manutenção ou implantação. Até porque, uma discussão que chegou a ser paralela à PEC da escala 6x1 e já foi recentemente aprovada no Congresso Nacional é a da Política Nacional de Cuidados, destinada a garantir o direito ao cuidado, por meio da promoção da corresponsabilização social e entre homens e mulheres pela provisão de

cuidados, consideradas as múltiplas desigualdades. Embora seu objetivo geral esteja ligado à garantia de cuidados às populações que dele necessitam, segundo a então Ministra das Mulheres Cida Gonçalves, as duas políticas se comunicam, pois juntas podem representar amadurecimentos na valorização feminina na execução tanto do trabalho remunerado como não remunerado⁴.

Em relação às mulheres, o fim da escala 6x1 significa, segundo seus defensores, uma redução nas desigualdades de gênero no mercado de trabalho. Segundo o jornal Brasil de Fato, a coordenadora nacional do Movimento VAT (Vida Além do Trabalho), Priscila Santos Araújo, saiu em defesa da PEC, argumentando que a maioria da população trabalhadora do Brasil é feminina, sendo esta portanto a principal população beneficiada pela mudança.

Este posicionamento tem sido acolhido pelos movimentos de mulheres no Brasil. Evidência disso é o fato de que o fim da escala 6x1 esteve na pauta das manifestações pelo dia 8 de março em capitais como Porto Alegre e Maceió, assim como em outras capitais. É uma pauta até bem óbvia e certamente necessária, mas não necessariamente finalizaria o problema – apenas permitirá que mulheres tenham mais tempo para o exercício do trabalho reprodutivo, além da sua jornada produtiva reduzida. Ou seja, desacompanhada de outras políticas públicas, a redução da jornada 6x1, a priori, não tem o condão de melhorar esta situação.

Em termos de cobertura jornalística destes movimentos, um dado bastante presente é a questão da maioria feminina na população trabalhadora brasileira, ao mesmo tempo que o acúmulo das horas de trabalho doméstico a cargo das mulheres. Sobre o assunto, Queiroz e Oliveira (2025) registram os questionamentos lançados a partir da problematização trazida pelo movimento VAT, pelo site jornalístico “Nós, mulheres da periferia”, que entre outras questões, traz reflexões sobre questões das mulheres periféricas no Brasil. Estes questionamentos dizem respeito à falta de convívio familiar, à dificuldade de conciliação com as tarefas domésticas e à necessidade de escolher entre lidar com as questões do dia a dia e um tempo eficaz de descanso.

De uma maneira geral, veremos ao longo deste trabalho que toda a discussão sobre a o fim da jornada 6x1 gira em torno da reprodução da força de trabalho - uma vez que tenta garantir uma redução de jornada que garanta as exigências da vida para o trabalhador: tempo de descanso, de boa alimentação, de um bom gerenciamento da vida particular. No entanto,

⁴ <https://www.brasildefato.com.br/2025/04/13/escala-6x1-vai-reduzir-desigualdade-de-genero-diz-coordenadora-nacional-do-vida-alem-do-trabalho/>

como hipótese inicial, temos que essa relação não é feita de maneira direta, uma vez que não há, nas falas em redes sociais, uma menção direta à reprodução da força de trabalho. E no caso do trabalho reprodutivo que é imposto ao gênero feminino através da divisão sexual do trabalho, temos algumas outras hipóteses a testar.

Uma é que o trabalho que é de reprodução da força de trabalho, mas ainda assim é produtivo – serviços de alimentação e de enfermagem, por exemplo – já estão localizados neste debate público, uma vez que há um reconhecimento de que as mulheres ocupam majoritariamente estes espaços e isto faz parte do debate representando uma inserção da questão de gênero dentro dele. No entanto, o trabalho reprodutivo doméstico, que não gera capital diretamente como a prestação de serviços citada acima, permanece invisibilizado, uma vez que até aqui foram detectadas falas que mencionam muito a liberação de tempo de trabalho produtivo, para o exercício do trabalho doméstico, só que agora sem tanto sacrifício.

Estes dois assuntos pouco se cruzam nos estudos atuais. O fim da escala 6x1 está em franca discussão no país, assim como seus impactos na vida dos trabalhadores de uma maneira geral. Porém, publicações recentes problematizam sobretudo a somatória do trabalho produtivo com o trabalho reprodutivo doméstico, tendo em vista os dados das bases governamentais sobre a temática. Assim, se de um lado, 74,1% das pessoas empregadas no regime CLT no Brasil trabalha 40 horas por semana, o trabalho doméstico não remunerado sobrecarrega as mulheres que fazem parte deste grupo, estando estimado em uma média de 21 horas semanais – totalizando 61 horas de trabalho total.

No entanto, as discussões sobre seus impactos sobre as mulheres não se aprofundam para além de uma possibilidade de realizar os trabalhos domésticos de uma maneira mais confortável.

Estudos indicam que, independente do seu gênero, trabalhadores em diversas áreas sentem desconforto com o trabalho realizado na escala 6x1. Na área de tecnologia, por exemplo, trabalhadores relatam pouco tempo de descanso e pouco tempo de qualidade (Oliveira, Júnior; 2025). No mesmo estudo, relatam também a necessidade de trabalhar como fator para a aceitação da escala, mas com franca preferência por outras escalas, como a 12x36 ou 5x2, que oferecem mais tempo de folga.

Em alguns destes estudos, o recorte de gênero aparece ainda que incidentalmente, sempre ligado às questões de divisão sexual do trabalho. Na área da saúde, entre auxiliares de limpeza foram relatados problemas com a longa jornada, ligados a estresse e ansiedade, mas o mesmo estudo registra que as respondentes mulheres reportaram dificuldades para conciliar o

trabalho em escala 6x1 com as atividades domésticas, além da falta de tempo com a família. Assim, foram registradas queixas como fadiga, dores nas costas e ansiedade, relacionadas com a sobrecarga decorrente da acumulação das 48 horas semanais de trabalho previstas pela escala 6x1 com a rotina de trabalho doméstico não remunerado (Dos Santos, 2025). Entre profissionais de enfermagem, foram relatadas ocorrência de ansiedade, depressão e síndrome de burnout (Bastos, 2025).

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para o alcance dos objetivos da pesquisa, é necessário o levantamento dos textos, publicados na rede social TikTok, que se relacionam com a *hashtag* #escala6x1. Este levantamento permite acumular dados sobre o que vem sendo dito, por diferentes sujeitos, acerca do fim da escala 6x1, e a partir disto, fixar o recorte feito aqui, relativo ao trabalho doméstico. Em um segundo momento, faz-se necessário o tratamento dos dados coletados, de forma a garantir que os dados que serão utilizados estarão dentro dos critérios da pesquisa e triados a partir dos objetos específicos. E finalmente, a última etapa é a análise destes dados já tratados e organizados, do ponto de vista do seu conteúdo.

4.1 Descrição do campo de pesquisa

O TikTok é uma plataforma de mídia social de vídeos curtos, onde os usuários podem criar e compartilhar vídeos de 15 segundos a 10 minutos sobre qualquer tópico. É conhecido por seus desafios de dança, dublagens, comédia e conteúdo criativo. Ele permite que os criadores de conteúdo usem uma vasta biblioteca de músicas, filtros e efeitos especiais para tornar seus vídeos mais envolventes. Além disso, o TikTok também oferece recursos de transmissão ao vivo e ferramentas de edição de vídeo integradas.

A plataforma se tornou extremamente popular, especialmente entre o público mais jovem. Seu algoritmo de recomendação de conteúdo personaliza o feed de cada usuário – e funciona como mediador do conteúdo que chega a cada usuário da rede. Assim, o algoritmo recomenda conteúdos para os usuários, ao invés de funcionar apenas como acesso ao conteúdo que o usuário segue.

Assim como outras redes sociais, o TikTok trabalha a partir do engajamento – ou seja, reações dos usuários a cada um dos conteúdos publicados. Em outras palavras, não existe outro motor para o algoritmo desta rede social que não as reações – curtidas, comentários, salvamentos e o próprio ato de visualizar um conteúdo. Enquanto métrica das redes, o engajamento é a soma de todas as interações registradas de uma publicação, e é uma das formas de medição do sucesso de um determinado conteúdo – e é também a base do algoritmo das redes sociais.

Assim, se de um lado as redes sociais podem funcionar como um impulsionador de debates públicos. De outro, elas não são um ambiente propício a qualquer mediação da informação – justamente porque a base dos algoritmos é essa (Empoli, 2019). Não existe uma

leitura confiável de veracidade do que está sendo publicado que tenha impacto, por exemplo, no conteúdo que aparece para o usuário do TikTok.

Em outras palavras, o conteúdo que se destaca nas redes sociais em geral é o conteúdo que suscita mais reações. Cada conteúdo de alguma forma, mobiliza emoções dos usuários, levando-os a curtir, comentar, se interessar por aquele conteúdo a ponto de salvar pra ver depois ou de compartilhar dando uma opinião positiva ou negativa a respeito. E quanto maior esse engajamento, maior é possibilidade de algoritmo entregar esse conteúdo para mais usuários. Considerando o engajamento (a curtida, o comentário, etc) como uma expressão da emoção provocada pelo conteúdo visualizado, então na realidade o que está em disputa nas redes sociais são as emoções, coletivas. Isto faz com que aspectos éticos, aspectos legais, aspectos até mesmo de verdade ou mentira, fiquem pra trás quando se disserta sobre o que é postado e engajado nas redes – e isso torna-se trampolim para a manipulação das emocionalidades coletivas, impactando desde decisões de consumo e compra até mesmo em processos eleitorais (Empoli, 2019).

Aqui, cabe uma reflexão acerca da medida do engajamento. Esse engajamento pode ser medido a partir da soma de todas as métricas: curtidas, compartilhamentos, salvamentos, compartilhamentos e visualizações - chegando a um engajamento geral. No entanto, é possível também olhar para as curtidas, comentários, compartilhamentos e salvamentos no contexto das visualizações - porque também é uma informação importante qual parte do meu público visualizou o meu conteúdo, mas não reagiu a ele (Pinheiro, et al, 2018). Ainda, é relevante saber qual parte do público que visualiza um conteúdo de fato tem uma reação a ele, depois de ser exposto a ele. Então assim como aqui nessa dissertação não é o nosso objetivo fechar uma questão de nada disso, num primeiro momento faremos essa ponderação, mas durante a análise estes dados serão tratados das duas formas: tanto quanto a soma de todas as métricas, quanto contextualizada nas visualizações - por conta das pequenas descobertas que esses dados podem nos proporcionar.

4.2 Procedimentos metodológicos

Assim, para o levantamento destes dados são necessárias abordagens de coleta diferenciadas do que tradicionalmente se utiliza nas ciências humanas e sociais, adaptando a prática do pesquisador aos meios digitais. A rede mundial de computadores, em especial as redes sociais, são entendidas aqui como uma fonte massiva de informações sobre diversos discursos, falas e posicionamentos, de sujeitos diversos (Nascimento, 2016), tornando a

extração de dados de redes sociais uma fonte valiosíssima de informações sobre percepções coletivas e sobre fenômenos sociais. No entanto, este tipo de pesquisa demanda instrumentos de coleta e tratamento de dados oriundos do meio digital ou relacionados a ele, por sua própria natureza. Sendo assim, as informações do TikTok utilizadas nesta pesquisa serão adquiridas por meio de raspagem de dados vinculados à #escala6por1 (“hashtag escala6por1”), utilizando a plataforma APIFY.

Esta raspagem foi realizada no período de 01 a 08 de julho de 2025, trazendo 709 publicações da rede social TikTok, utilizando a *hashtag* acima citada. Entre outras informações, esta coleta forneceu a identificação do usuário, a URL da publicação, o número de *likes*, o número de seguidores do usuário, o nome do perfil responsável pela publicação, seu conteúdo e eventuais feedbacks, entre outros metadados.

Cada postagem é tratada como um documento. O conjunto dos documentos constitui um *corpus*, passível de ser manipulado com a utilização de ferramentas específicas, computacionais. O *dataset* de análise, planilha inicial contendo os dados brutos, foi composto por 709 postagens. Assim, os textos das postagens são transformados em *corpus* para possibilitar sua manipulação e análise como texto. A partir disso, este *corpus* é transformado em uma matriz documental (*document term-matrix*, ou *document-feature matrix*), possibilitando que os termos utilizados sejam associados às suas respectivas frequências.

Após análise inicial, são elaborados os grafos por meio de programa específico. São identificados no *corpus* textual os usuários e as hashtags relacionadas ao tema, para elaboração de outros grafos que representem as redes de usuários. E finalmente, a identificação dos *clusters* presentes nas postagens. O modelo a ser utilizado para clusterizar os dados do TikTok, bastante utilizado para este fim, é o *Latent Dirichlet Allocation* (LDA) (BLEI; NG; JORDAN, 2003).

A implementação destas rotinas será realizada em linguagem R, que agrupa funções que operacionalizam rotinas. Esta linguagem vem sendo utilizada para análise, modelagem e elaboração dos gráficos. A utilização da ferramenta se justifica por disponibilizar vários pacotes que se apresentam congruentes com os objetivos específicos deste trabalho.

No processo de análise de dados, é utilizado o pacote *Quanteda* (*Quantitative Analysis of Textual Data*) que executa rotinas de análise quantitativa textual. Ele abrange o Processamento de Linguagem Natural (NLP), a representação gráfica de gráficos e grafos e modelagem.

Quadro 1 - Etapas do Processo de Pesquisa

Etapas	Breve descrição
<i>Webscrapping</i> dos dados	Coleta inicial dos dados brutos.
Limpeza de dados <i>outliers</i> e conversão em <i>corpus</i>	Filtragem de dados significativamente diferentes e criação de uma coleção de documentos de texto a partir dos critérios da pesquisa.
Verificação de termos e palavras mais frequentes para representação gráfica	Análise dos dados em texto para elaboração de uma nuvem de palavras
Extração das hashtags associadas à #escala6por1 e grafá-las conforme sua relevância	
Verificação da concorrência de usuários no <i>corpus</i> e grafá-los conforme sua relevância	
Identificação de clusters nas postagens	Reunião de conjuntos de dados similares, em grupos
Análise de conteúdo dos clusters	Análise dos dados obtidos no passo anterior

Trata-se, portanto, de uma pesquisa quali-quantitativa, que se caracteriza como tal por sua forma de coletar e avaliar os dados inicialmente, que é quantitativa, mas utilizando a análise textual e de interpretação dos textos coletados e apreensão das informações coletadas, sobretudo em relação às falas mais frequentes relacionadas ao tema da pesquisa.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

5.1 Escala 6 X 1: conteúdos mais engajados e suas métricas

Diferente de outras redes sociais, o TikTok não exige tanto texto para publicação, sendo uma rede social focada em publicação de conteúdo em vídeo. Assim, praticamente todo o conteúdo a ser exibido está no próprio vídeo, caso da maioria das publicações aqui elencadas. E como já informado no capítulo 4, no período de 01 a 08 de julho de 2025 foi realizada a coleta de 709 postagens no TikTok, utilizando a hashtag “#escala6por1”. Esta mostra trouxe conteúdos muito diversos, uma vez que é um tema que desperta opiniões diferentes e envolve diferentes pontos de vista, contra e a favor da manutenção desta forma de organização do trabalho. Além disso, foi detectada uma quantidade significativa de conteúdos repostados, reduzindo a amostra. Foram excluídas 202 duplicatas, diminuindo a amostra para 507 vídeos. Assim, a partir desta amostra é que foram filtradas as publicações referentes a palavras chave ligadas ao recorte da pesquisa, como “trabalho doméstico”, “mulheres”, “cuidado” e “trabalho feminino”, por exemplo.

Os dados obtidos incluíram vários metadados de cada publicação, que foram preservados mas não foram utilizados nesta pesquisa. A partir do número de interações, foram selecionadas as 10 postagens de maior engajamento. Para medir esse engajamento, cinco métricas são consideráveis: comentários, curtidas, visualizações, salvamentos e compartilhamentos. O engajamento geral é medido através da soma destas cinco métricas.

Portanto, o primeiro conjunto de dados desta pesquisa traz números que compõem o engajamento de cada um dos vídeos que estão entre os 10 mais engajados da amostra selecionada. A coluna “*Saves*” indica o número de vezes que cada conteúdo foi “salvo” pelo usuário que o visualiza, ou seja, este conteúdo é reservado pelo usuário para ser visto em outro momento. A coluna “*Comments*” traz o número de comentários que o conteúdo recebeu. Já a coluna “*Likes*”, mostra a quantidade de curtidas de cada publicação. A coluna “*Views*” traz a quantidade de vezes que aquele conteúdo foi visualizado, e a coluna “*Share*”, quantas vezes ele foi compartilhado por usuários da rede.

Cada uma destas métricas tem importância isolada, e a soma de todas elas compõe o engajamento de cada conteúdo, e é o índice principal desta tabela. Ainda, alguns indicadores podem ser extraídos para melhor compreender o alcance e a forma do alcance de cada publicação. A partir disto, a tabela abaixo foi construída a partir do top 20 dos conteúdos em cada métrica, separadamente, que foram consolidados. Assim, pudemos observar que, no

total, 37 publicações aparecem, de forma flutuante, em cada lista dos 20 mais bem ranqueados em cada métrica - e estas 37 publicações foram ranqueadas a partir de seu engajamento, conforme abaixo.

Tabela 3 – Top 10 dos vídeos mais engajados a partir da hashtag “escala6por1”

URL do vídeo	Legenda	Saves	Comm	Likes	Views	Share	Engajamento
https://www.tiktok.com/@andre.steinerr/video/7437241314409712952	fim da escala 6x1!	84.100	12.100	1.6M	13.8M	143.500	15.64M
https://www.tiktok.com/@onautamc/video/7436479944567524664	nunca esteve tão atual 📺 1 ano dessa aqui	110.600	9.390	1.8M	10.6M	30.700	12.55M
https://www.tiktok.com/@minhochaves/video/7435775947502046519	Meu deus eu sou horrível	27.400	5.980	1.3M	6.5M	154.600	7.99M
https://www.tiktok.com/@pkllipe/video/7436505369481858359	Como os empresários devem estar conversando essa semana □□□□ Vambora, fii. Fim da escala 6x1 bb @Tuca @Morimoto	333.000	8.700	1.1M	5.7M	27.700	6.87M
https://www.tiktok.com/@giovanacilaara/video/7437217534547332407	É desse jeitin #recemnascido #escala6x1 #maedemenina	18.300	2.270	231.800	5.5M	41.900	5.79M
https://www.tiktok.com/@manu_lorenzo11/video/7436987205081419064	#fimdaescala6x1 #vidaalemdotrabalho #mae #clt	16.200	3.020	765.300	4.9M	19.000	5.7M
https://www.tiktok.com/@zabelacomz7/video/7436099098354158903	FIM DA ESCALA 6X1. #fim #chega #videos #z	25.600	6.880	814.700	3.9M	9.120	4.76M
https://www.tiktok.com/@irviny/video/7435645415367757112	A vida do clt não está fácil! #escala6x1 #fyp #memesbr	14.600	7.360	686.300	3.9M	25.400	4.63M
https://www.tiktok.com/@falacomamari/video/7436045587545345335	Léo Picon é contra O FIM DA ESCALA 6x1 #vendedora #escala6x1 #escala5x2 #clt #trabalhador #direitodotrabalho	16.100	4.830	571.400	3.8M	7.250	4.4M

URL do vídeo	Legenda	Saves	Comm	Likes	Views	Share	Engajamento
https://www.tiktok.com/@alexandreferreira_adv/video/7436547158716828984	<p>FIM DA ESCALA 6X1? ENTENDA A DISCUSSÃO</p> <p>Muita gente tem visto na imprensa a possibilidade do fim da escala 6x1 no Brasil, que é quando o trabalhador atua seis dias consecutivos e folga um. Essa discussão surge de um texto de um projeto de alteração da Constituição (ainda não protocolado) que busca apoio para transformar a jornada semanal.</p> <p>A ideia desse projeto é limitar a carga máxima semanal a 36 horas, permitindo que o trabalhador trabalhe quatro dias de 8 horas cada, com direito a três folgas semanais. O objetivo é dar ao trabalhador mais tempo para descanso, convívio familiar e atividades de lazer.</p> <p>Vale lembrar que esse projeto ainda não está formalmente em tramitação e precisa ser debatido e ajustado pelo Congresso antes que qualquer mudança possa realmente acontecer. E você, o que pensa sobre essa proposta de mudanças na escala?</p> <p>#advogado #trabalho #trabalhador #emprego #direito</p>	7.170	1.110	148.800	3.6M	14.400	3.78M

Fonte: elaboração da autora

Essa análise de conjunto também permite detectar o quanto esse debate foi apropriado pelos usuários do TikTok. A partir do vídeo original, do influencer Rick Azevedo, o primeiro falando do tema a viralizar e que impulsionou esse debate nas redes, o que antes era uma pauta tradicionalmente sindical se transforma em uma narrativa coletiva e participativa, onde os usuários passam a falar desse tema e do seu impacto nas suas rotinas diárias. Essa narrativa ganha força ao ser apropriada por tiktokers que misturam crítica e humor, e a partir disso, vira objeto de atenção de ativistas, parlamentares e movimentos sociais – aumento o nível do debate.

A postagem de maior engajamento, associada à *hashtag* selecionada, foi do perfil @andré.steinerr, datada de 11 de novembro de 2024. O vídeo⁵, com mais de 15 milhões de interações, mostra um jovem rapaz, ainda adolescente, gritando ser contra o fim da escala 6x1 na praça de alimentação de um shopping movimentado – e levando esse discurso para o nível

⁵ <https://www.tiktok.com/@andre.steinerr/video/7437241314409712952>

do improvável, dizendo ser a favor da escala 7x0, sem descanso. O conteúdo conta com 13.800.000 visualizações, 12.100 comentários e recebeu 1.600.000 likes.

O perfil é de humor, e dedicado a vídeos onde este jovem faz em público, coisas que as pessoas normalmente têm vergonha. Assim, de forma humorística e muito pontual, já que este tema não é a pauta principal do perfil, entende-se que a mensagem é de que ser contra o fim da escala 6x1 é motivo de vergonha, estranhamento, ou que colocaria este jovem em posição de ser ridicularizado – em conjunto, logicamente, com o absurdo da situação que é um jovem andar gritando em um shopping lotado.

O segundo vídeo⁶ mais engajado, de autoria do perfil @onautamc, é um clipe produzido, de um *rap*, onde jovens fazem uma tentativa de descrição da vida de um trabalhador em escala 6 por 1 e suas interações ao longo de um dia de trabalho. É um conteúdo com mensagem muito clara, de lamento pela dureza da rotina descrita e de crítica à obrigatoriedade de sua vivência pelos trabalhadores. Com 12.550.000 interações e 10.600.000 visualizações, o vídeo recebeu 1.800.000 curtidas e 9390 comentários. Diferente do primeiro vídeo, seu tom é sério e lamentoso, não deixando espaço para dúvida quanto ao seu posicionamento contrário ao modelo atual de carga horária ao trabalhador. Retrata o cotidiano do trabalhador e suas interações ao longo de um dia de trabalho, como cansativo e penoso.

O responsável pelo conteúdo é o influenciador Nauta MC, cujo conteúdo mistura crítica social com a interpretação de diversos personagens. Esta publicação, inclusive, chega a destoar um pouco do restante do conteúdo da página, já que não é um vídeo de humor. Apesar de ser o segundo em engajamento, é o vídeo mais curtido desta amostra.

O terceiro vídeo⁷ no quesito engajamento traz o outro extremo do humor sobre o tema, que é a mensagem de que a escala 6 por 1 pode trazer algum tipo de prejuízo para o cidadão comum. Quem publica é o perfil @minhochaves, que em sua descrição não demonstra nenhum tipo de posicionamento político – o que pode ser superficialmente constatado pelas suas outras publicações. O vídeo traz um monólogo, retratando uma percepção de uma pessoa sobre uma loja fechada em horário comercial – a despeito de uma preferência sua pelo fim da escala 6x1. A conversa expressa uma suposta relação direta entre a escala 6 por 1 e o horário de funcionamento do comércio – como se para que o comércio funcione por mais horas, a escala 6 por 1 fosse um pré requisito. Declarações como "Mas é tudo vagabundo mesmo, né?" e "Ninguém quer trabalhar não, rapaz" demonstram uma possível reação das pessoas no caso de diminuição do horário de funcionamento do comércio.

⁶ <https://www.tiktok.com/@onautamc/video/7436479944567524664>

⁷ <https://www.tiktok.com/@minhochaves/video/7435775947502046519>

Este conteúdo teve mais de 7.990.000 interações no total, número que o colocou no top 3 desta lista. Deste número, estão 6.500.000 de visualizações, 1.300.000 curtidas e 154.600 compartilhamentos – e somente 5980 comentários, muitos deles justamente contrariando o entendimento do vídeo, de que a escala 6x1 seria necessária para o funcionamento do comércio.

O quarto vídeo mais engajado⁸, é do perfil @pkllipe. O vídeo do TikTok, intitulado "Como os empresários devem estar conversando essa semana □□□□", satiriza a reação de empresários diante da possível mudança na escala de trabalho de 6x1 para 5x2 ou 4x3. O vídeo apresenta a perspectiva de que os empresários estariam "desesperados" com o fim da escala 6x1, sugerindo que a mudança traria dificuldades para eles. A descrição do vídeo reforça o tom humorístico com a frase "Vambora, fii. Fim da escala 6x1 bb". De forma bem humorada, o vídeo traz uma crítica à exploração da força de trabalho por empresários, que trabalham bem menos horas do que o trabalhador celetista em escala 6x1. Seu conteúdo traz uma conversa entre empresários, se sentindo explorados por impostos ou pela natureza de suas atividades – mas no final falam que já trabalharam demais por aquele dia e que irão descansar em espaços luxuosos que podem pagar. O vídeo conta com 5.700.000 de visualizações, e 1.100.000 curtidas, sendo proporcionalmente o terceiro mais curtido dos vídeos que aparecem entre os mais engajados nesta amostra.

O quinto vídeo mais engajado⁹, do perfil @giovanaclaara, intitulado "Enxoval de Bebê: Dicas Para Receber Seu Recém-Nascido", mostra uma mulher interagindo carinhosamente com um bebê recém-nascido. A mulher beija e abraça o bebê, em um ambiente que parece ser uma casa. A descrição do vídeo inclui a frase "É desse jeitin" e as *hashtags* #recemnascido e #maedemenina, indicando que o conteúdo foca na maternidade e nos cuidados com o bebê. A *hashtag* #escala6x1 parece ser um tópico de tendência não diretamente relacionado ao conteúdo visual do vídeo, mas sim uma forma de engajamento. O vídeo conta com 5.500.000 visualizações e apenas 237.000 curtidas – proporcionalmente um resultado baixo. Este vídeo não aparece no ranking dos vídeos mais curtidos, nesta amostra.

A sexta postagem mais engajada¹⁰, publicada pelo perfil @manu_lorenzo11, mostra duas crianças e um cachorro, dormindo juntos em cobertores, no degrau mais largo de uma escada. Ao seu lado, vemos vários pequenos lanches, biscoitos, chocolates, creme dental, um rolo de papel higiênico e um pequeno pote de ração – dando a entender que as duas crianças

⁸ <https://www.tiktok.com/@pkllipe/video/7436505369481858359>

⁹ <https://www.tiktok.com/@giovanaclaara/video/7437217534547332407>

¹⁰ https://www.tiktok.com/@manu_lorenzo11/video/7436987205081419064

se organizaram para dormir daquela forma, e ainda incluíram o cachorro. A mãe das duas crianças é que filma a cena, contando ser uma mãe celetista, que trabalha em escala 6x1, e que chegou em casa exausta e dormiu, e quando acordou encontrou aquela cena aparentemente “bonitinha” – de que “as crianças fizeram o que queriam”. O vídeo traz um registro de um momento de exaustão da mãe que trabalha em escala 6x1, mesmo sem ser uma mãe solo – informação que pode ser extraída de outros vídeos do mesmo perfil. O conteúdo foi visualizado 4.900.000 vezes, tendo 765.300 likes.

A sétima postagem mais engajada¹¹, do perfil @zabelacomz7, traz a influenciadora muito indignada, criticando fortemente a escala 6x1 e argumentando que ela prejudica a saúde e a vida pessoal do trabalhador. Menciona, sem citar fontes, o caso de motoristas de ônibus com *burnout* como exemplo dos impactos negativos, reforçando a necessidade urgente de mudanças nesse sistema. Argumenta que aqueles que se opõem ao seu fim nunca trabalharam nesse regime ou desejam a exaustão dos trabalhadores. Refere-se a essa rotina como “insana” e defende que, além de um fim de semana livre, os trabalhadores CLT deveriam ter um dia útil na semana para resolver questões pessoais em locais que não funcionam aos sábados e domingos. Critica a falta de flexibilidade dos empregadores e a humilhação sofrida pelos trabalhadores para tentar conciliar vida pessoal e profissional.

Este vídeo traz um conteúdo mais incisivo no que diz respeito a de onde vem as falas contra o fim da escala 6x1, colocando claramente a luta de classes existente no debate. Segundo a criadora do conteúdo, a verdade é que “só é contra o fim da escala 6x1, quem nunca trabalhou 6x1, ou quem nunca trabalhou na vida” (...) “ou quem quer que as pessoas se destruam mesmo e se acabem, acabem a vida delas só trabalhando, igual insanas”. Ou seja, de acordo com o vídeo, só quem não conhece a realidade do trabalho nesta escala pode considerá-la normal. Segundo a criadora, o trabalhador deixa de lado atividades necessárias ao cuidado pessoal porque não pode deixar de trabalhar no mesmo horário em que as outras atividades necessárias para manutenção da vida estão funcionando também – pois o trabalhador trabalha em horário comercial, assim como estes outros serviços também funcionam. Ainda, compartilha sua própria experiência trabalhando em escala 6x1 e em shoppings, enfatizando a dor e o desgaste que esse regime causa. Conclui que o trabalhador precisa de paz e que a escala 6x1 é desumana, sugerindo que quem a defende precisa reconsiderar sua perspectiva, pois tais pessoas parecem não se importar com o bem-estar alheio e desejam a escravidão dos outros.

¹¹ <https://www.tiktok.com/@zabelacomz7/video/7436099098354158903>

Trata-se de um vídeo mais longo que os demais, com mais de três minutos de duração. Também é mais denso, pois são três minutos de fala e com bastante informação. Tem 3.900.000 visualizações, e 814.700 curtidas. Nesta amostra, é o vídeo que tem a maior proporção de curtidas em relação ao número de visualizações.

Já o oitavo vídeo¹², do perfil @irviny, traz a imagem de um homem sentado a uma mesa com um copo de cerveja, durante uma festa. No entanto, o homem parece ausente da festa, com semblante sério ou reflexivo. Parece desconectado do contexto do restante do vídeo, onde o cenário e a música sugerem um ambiente animado e dançante. Escrito no vídeo, está “Ah, porque trabalhar na escala 6x1 é tranquilo” / Meu marido tentando curtir um dia de folga”. Já a legenda da publicação diz “A vida do CLT não é fácil”, complementando a mensagem do vídeo - de que a pessoa que trabalha nesta escala não consegue nem se divertir.

Com 3.900.000 visualizações e 686.300 curtidas, o vídeo também apresenta uma boa proporção entre as duas métricas. Apesar de não ser pauta principal do perfil, o vídeo está fixado, ou seja, todos os que acessarem o perfil terão acesso à publicação. Os quase 7000 comentários traziam empatia e identificação com o homem retratado no vídeo, em sua maioria.

Por fim, o nono vídeo, do perfil @falacomamari, da influenciadora Mariana Almeida, faz considerações sobre um episódio em específico envolvendo o também influenciador Léo Picon e sua opinião sobre a escala de trabalho 6x1. Este perfil produz conteúdo de humor, estilo de vida e notícias, e neste vídeo deixa clara a discordância dela da visão de Léo Picon a respeito do fim da escala de trabalho 6x1, de que este debate é uma "cortina de fumaça" ou "medida populista" para colocar trabalhadores contra empresários. Mariana questiona o lugar social de Léo para falar sobre esse tema.

Léo Picon, alvo das críticas de Mariana Almeida no vídeo, é empresário e influenciador digital. Atua nos setores de moda, empreendedorismo e mídia, gerenciando várias empresas – e tem forte presença nas redes sociais. Ainda, junto com a irmã, Jade, é herdeiro do empresário Carlos Picon, proprietário da Pantanal Mármore, empresa de fornecimento e instalação de pedras naturais. Essa herança explica seu estilo de vida privilegiado e influência no mercado de moda e mídia. Para Mariana, o fato de Léo Picon ser herdeiro e justamente por isso nunca ter experimentado a realidade do trabalhador celetista, como transporte público lotado, salário mínimo e jornadas exaustivas faz dele alguém desconectado da realidade da maioria dos trabalhadores brasileiros.

¹² <https://www.tiktok.com/@irviny/video/7435645415367757112>

O vídeo também aborda as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores, como a falta de tempo para lazer, para se dedicar à família, e para cuidar da saúde e de seu desenvolvimento pessoal, em contraste com a flexibilidade e privilégios de Léo Picon. A discussão sobre a escala 6x1 é um ponto central para debater este contraste e demarcar o pensamento empresarial de exploração do trabalhador: Há uma crítica implícita à mentalidade que exige que o trabalhador "vista a camisa", "dê o sangue pela empresa" e "gaste até a última gota do suor" sem compartilhar dos lucros, sendo visto apenas como uma "fonte de força de trabalho" em "péssimas condições de existência".

Analisando o conjunto aqui descrito, como um todo, observa-se que o debate sobre a redução da jornada de trabalho e o fim da escala 6x1 no Tik Tok é multidiscursivo. Dos 10 vídeos mais engajados, 5 são de humor, tipo de vídeo bem presente na rede. Os outros 5 são um clipe, dois vídeos de *influencers* comentando sobre o debate e um vídeo informativo sobre o tema. Um dos clipes que aparece ali não parece ter relação com a temática, embora esteja usando a *hashtag* que identifica esta discussão. Ou seja, é possível inferir deste conjunto um padrão discursivo bem espontâneo, explorando de um lado as artes e de outro, a fala direta com o espectador, em linguagem popular, como estratégia de alcance e de mobilização de emoções e identificação de quem assiste – e por isso, engajando. A estética do “humor do cotidiano”, acaba permitindo que, no debate, sejam os perfis que publicam ou os perfis que comentam e curtem, expressem cansaço e desejo por mudança de modo leve – o que é politicamente potente.

Já olhando para todo o conjunto da amostra, observa-se, além dos vídeos de humor, um número grande de vídeos informativos. Essa dimensão educativa aparece nos vídeos produzidos por advogados e comunicadores que traduzem termos técnicos e implicações legais da mudança na escala 6x1.

Um dado interessante sobre a amostra completa, é que existem sim conteúdos que são contra o fim da escala 6x1 utilizando essa *hashtag*. Perfis como @direitamoderna e @vamosquestionartudo aparecem fazendo defesas bastante emocionais da manutenção da escala 6x1, utilizando de raciocínios simples e linguagem bastante direta para dialogar com o público que alcança. No entanto, os dados também mostram a presença de atores institucionais e políticos que disputam o mesmo espaço de visibilidade dos influenciadores. Perfis como @acessoerikahilton e @guilhermeboulos estão entre os vídeos mais compartilhados, o que indica que os atores que estão mobilizando a discussão dentro das casas do Congresso Nacional também estão disputando essa narrativa dentro da lógica de

viralização. Essa convergência entre falas informativas, políticas e populares transforma o TikTok em um híbrido entre arena pública e espaço de campanha, onde informação, emoção e disputa política se misturam. Demonstra também a polarização política envolvida no tema, inobstante o fato de que os conteúdos que pedem o fim da escala 6x1 sejam predominantes em quantidade.

5.2 Escala 6x1, trabalho e mulheres: engajamento e principais conteúdos

A partir da amostra inicial, de 709 publicações, que abrangeu postagens com a *hashtag* #escala6por1 e relacionadas, foram triadas postagens com algumas palavras chave, com objetivo de fazer um recorte que levasse às publicações que em alguma medida falam sobre trabalho feminino no *dataset* selecionado. Foram identificadas no *dataset* postagens que mencionam trabalho feminino, mulher, trabalho doméstico ou temas relacionados a cuidados de casa. A partir dessa seleção, foram selecionadas inicialmente as cinco com maior engajamento, e que contém menções relativas ao trabalho reprodutivo não remunerado e à sobrecarga feminina. É notável a diferença de engajamento entre os vídeos que serão abordados neste tópico e os que foram abordados no tópico anterior, conforme a tabela abaixo:

Tabela 4 – Vídeos com referências às mulheres

Link	Texto	Saves	Comm	Likes	Views
https://www.tiktok.com/@manueladavila_/video/7496939567547763974	Que papo é esse que debater temas relacionados às mulheres não é debater os problemas dos trabalhadores? #escala6x1 #feminismo #mulheres	2.330	1.450	55.700	522.400

Link	Texto	Saves	Comm	Likes	Views
https://www.tiktok.com/@faisca.ufrgs/video/7480353915142458629	<p>☐ Vai perder esse convite direto do ato do dia Internacional de luta das mulheres trabalhadoras??</p> <p>Hoje estivemos no ato do 8 de março em defesa das trabalhadoras terceirizadas, pelo fim da escala 6x1, por direito ao aborto livre, seguro e gratuito, pelas cotas trans e por uma Palestina livre!</p> <p>Vem com a gente no TOUR COMUNISTA, debater mais sobre a luta das mulheres na universidade, desde as trabalhadoras terceirizadas lutando por melhores condições de trabalho até as estudantes que conquistaram seu direito à moradia na Casa de Estudante da UFRGS durante a ditadura</p> <p>Dia 22 de março no Campus Centro da UFRGS!</p> <p>#ufrgs #esquerda #socialismo</p>	257	7.870	1.410	152.000
https://www.tiktok.com/@ofc_junismith/video/7526760392119323960	<p>FIM DA ESCALA 6X1 ☐</p> <p>#fypopppppppppppppp</p> <p>#mulherdepreso☐☐☐☐</p> <p>#foryoupage #triste #fyp</p>	7	3	135	1.520

Link	Texto	Saves	Comm	Likes	Views
https://www.tiktok.com/@leandrosoares.sp/video/7538109306063834424	<p>☐ EM BRASÍLIA Na luta por mais direitos para a classe trabalhadora!</p> <p>☹☐</p> <p>Nós, Metalúrgicos de Sorocaba e de Taubaté, em conjunto com a CNM-CUT, estamos hoje no Congresso Nacional para entrega do abaixo-assinado da Campanha da Redução da Jornada de Trabalho, Sem Redução de Salários e Fim da Escala 6x1! E nosso grande Deputado Federal Kiko Celeguim nos recebe, fortalecendo e endossando essa luta!</p> <p>☐☐☐☐</p> <p>Essa mobilização é fruto do trabalho incansável dos sindicatos, que percorrem fábricas, assembleias e toda a base para ouvir a categoria, coletar assinaturas e pressionar nossos deputados em defesa das pautas dos trabalhadores. ☐</p> <p>Para a classe trabalhadora, essas mudanças representam mais tempo para viver, cuidar da saúde, estar com a família e estudar, sem abrir mão do sustento. Com unidade e organização, seguimos mostrando que quando a gente se une, avançamos!</p> <p>#leandrosoares #smetal #trabalhadores #fimdaescala6x1</p>	4	6	60	605
https://www.tiktok.com/@llucascorreia_/video/7436876428181867832	<p>Só é a favor da escala 6x1 quem tem amante no trabalho #escala6x1 #mulherdepresso☐☐☐☐ #neymar #fyp #viral #meme #humor #vaiprofyinferno #tiktok</p>	2.070	144	32.100	316.900

Link	Texto	Saves	Comm	Likes	Views
https://www.tiktok.com/@hamiltonsacramento13/video/7538556483915599160	<p>☐☹ Eles tentaram nos cal4r... mas não vão conseguir!</p> <p>Em defesa dos trabalhadores nas indústria Dragão em Mata de São João☹☐.</p> <p>☐Trabalhadores e trabalhadoras, meu perfil oficial foi bloqueado por seguir firme na defesa dos trabalhadores e pelo fim da injusta escala 6x1. ☐☐</p> <p>Mas a nossa luta é maior que qualquer bloqueio☹☐</p> <p>☐☐ Esse é o perfil 2, e é daqui que vamos continuar unidos, defendendo direitos na fé e na esperança, falando de cidadania, direitos sociais e lutando por uma Bahia e um Brasil mais justo, humano, igualitário, recíproco para todos nos homens e mulheres de boa vontade. Siga meu perfil. Curta e compartilhe. Muito obrigado. Gratidão</p> <p>☐ Preciso muito de vocês agora: <input checked="" type="checkbox"/>Siga este novo perfil ♥☐ Curta nossas publicações ☐ Compartilhe para que todos saibam onde estamos ☐ Comente e participe – sua voz fortalece a nossa Cada curtida, cada comentário e cada compartilhamento é um recado claro: não vamos nos calar e não vamos desistir. ☹☐</p> <p>#FimDaEscala6x1 #TrabalhadorUnido #DireitosSociais #ForçaColetiva #HamiltonSacramento</p>	1	1	26	474
https://www.tiktok.com/@suzyeeu/video/7437330511246200119	<p>Vá dar sua opinião na sua casa... Fim da escala 6x1. #vat #movimentovat #fimdaescala6x1 #qualidadedevida</p>	3	4	123	4170

Fonte: elaboração da autora

A maioria deles traz um conteúdo analítico ou político.

O vídeo¹³ que tem a maior proporção de comentários por visualização, do perfil @faisca.ufrgs, é um convite de duas jovens alunas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para uma atividade de um grupo que se intitula comunista naquela universidade. O perfil é de um movimento trotskista da universidade, chamado Faísca Revolucionária, que posta conteúdos relacionados às pautas deste movimento, ligadas ao anti-imperialismo. Ao longo do vídeo, as duas jovens colocam as pautas do movimento para o qual o convite é feito, citando a defesa das trabalhadoras terceirizadas da universidade, o fim da escala 6x1, o aborto legal, as cotas trans, o fim da crise climática e a liberdade da palestina.

O vídeo não faz uma referência a como a escala 6x1 e o trabalho feminino estão inseridos nessa discussão e como podem se relacionar. Na realidade, ele faz somente um convite. O que chama a atenção nesse vídeo é fato de que, como outros que tem uma proporção grande de comentários em relação ao número de visualizações, é que os comentários são, em sua grande maioria, respostas negativas e/ou comentários agressivos. Alguns falam sobre a aparência das jovens, vários são sobre a relação entre a palestina e movimentos lgbtqiapn+, mas a esmagadora maioria dos comentários se opõe ao que as jovens falam. Ainda, este vídeo tem um número de visualizações muito maior do que os demais vídeos do coletivo, e aparentemente, acumulou engajamento justamente pelos comentários negativos que recebeu.

Já o vídeo mais curtido¹⁴, e também mais visualizado, veio através do perfil da ex-deputada federal Manuela D'Ávila (@manueladavila_). O vídeo, que é um corte de uma entrevista dada pela deputada ao jornalista Leandro Demori, mostra a ex-deputada explicando de forma simples e rápida qual é de fato a problemática envolvida na relação entre o trabalho em escala 6x1, o trabalho doméstico e a vida das mulheres, e que ela envolve na verdade um enorme volume de trabalho fora da escala 6x1. É o vídeo mais visualizado e com a melhor proporção entre curtidas e visualizações, e também tem uma boa proporção entre comentário e visualizações.

No vídeo, a ex-deputada faz uma explicação mais profunda a respeito de qual é a problemática envolvida quando se fala que as mulheres precisam estar envolvidas nas disputas políticas a respeito da escala 6x1. destaca a diferença de impacto desta escala em homens e mulheres. Segundo ela, a jornada de trabalho de seis dias é seguida por um dia de folga que, na prática, é preenchido com o trabalho doméstico e de cuidado (lavar roupa, cozinhar, trocar fraldas, arrumar a casa, fazer faxina, preparar alimentação, etc.), e que no

¹³ <https://www.tiktok.com/@faisca.ufrgs/video/7480353915142458629>

¹⁴ https://www.tiktok.com/@manueladavila_/video/7496939567547763974

caso das mulheres, essas tarefas também são executadas para o marido, fazendo com que as mulheres acumulam uma carga de trabalho muito maior dentro de casa. Manuela compara um marido a um "outro filho" em termos de trabalho gerado.

Manuela D'Ávila sugere que o público mais engajado na defesa do fim da escala 6x1 é, e deveria ser, o das mulheres por conta do trabalho reprodutivo não remunerado que elas realizam. Neste data set, este é o único conteúdo que traz a categoria “trabalho reprodutivo”. Aina, a ex-deputada critica o debate político abstrato, que desconsidera a realidade concreta, vivida pelas trabalhadoras e trabalhadores especialmente as mulheres.

Tabela 5 – Engajamento total do top 5, com postagens destacadas:

Autor	Trecho do Post	Engajamento Total
manueladavila_	Que papo é esse que debater temas relacionados às mulheres não é debater os problemas dos trabalhadores? #escala6x1 #fem...	581505
faisca.ufrgs	☐ Vai perder esse convite direto do ato do dia Internacional de luta das mulheres trabalhadoras?? Hoje estivemos no at...	162132
ofc_junismith	FIM DA ESCALA 6X1 ☐ #fypopppppppppppppp #mulherdepreso☐☐☐☐ #foryoupage #triste #fyp ...	1852
llucascorreaa_	Só é a favor da escala 6x1 quem tem amante no trabalho #escala6x1 #mulherdepreso☐☐☐☐ #neymar #fyp #viral #meme #humor #v...	349897
hamiltonsacramento13	☐👊 Eles tentaram nos cal4r... mas não vão conseguir! Em defesa dos trabalhadores nas indústria Dragão em Mata de São João👊...	501

Fonte: elaboração da autora

Ao olharmos para os autores dos posts, percebemos que somente dois perfis abordam de forma explícita o trabalho feminino (@manueladavila_ e @faisca.ufrgs). São perfis de militância, ou seja, de atores coletivos ligados às pautas feministas ou dos trabalhadores.

Ainda, é possível perceber, pelo número reduzido de postagens, que o tema é um nicho. A tabela abaixo deixa isso bem claro:

Tabela 6 – Engajamento por perfil

Autor	Nº de posts	Engajamento total
manueladavila_	1	581505
llucascorreaa_	1	349897
faisca.ufrgs	1	162132
ofc_junismith	1	1852
hamiltonsacramento13	1	501

Fonte: elaboração da autora

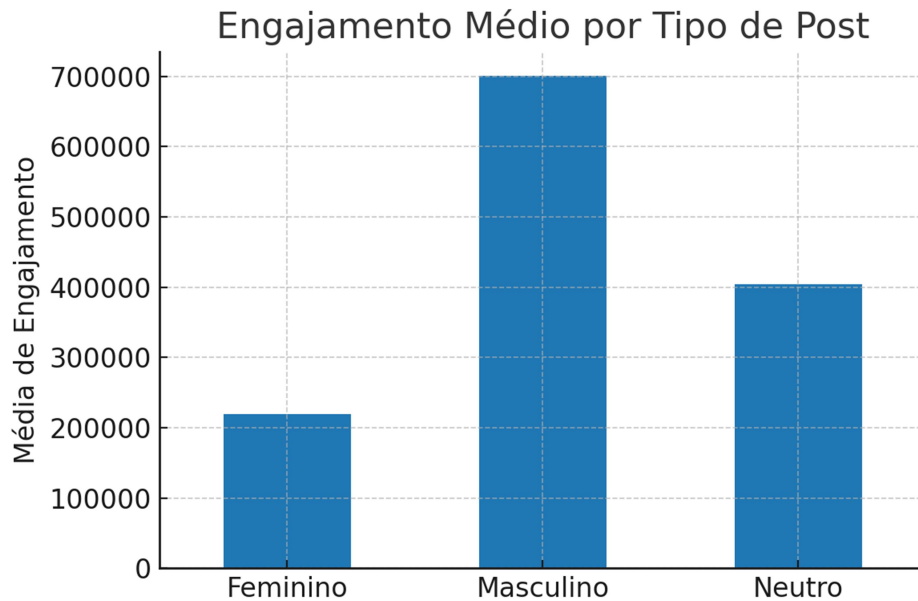
Em comparação, posts que falam sobre trabalho feminino, trabalho masculino e posts que não fazem essa diferenciação, é possível observar que o trabalho masculino tem maior volume e maior engajamento médio. O trabalho feminino é uma pauta que pouco aparece, mas que tem um potencial de mobilização. Os posts que não tem essa referência são predominantes no volume, mas não atingem picos de engajamento tão altos quanto os que falam de trabalho masculino, como mostram a tabela abaixo e o gráfico a ela correspondente:

Tabela 7 – Engajamento por categoria no debate

Categoria	Engajamento médio	Nº de posts
Feminino	219177.4	5
Masculino	700398.38	32
Neutro	404641.32	66

Fonte: elaboração da autora

Figura 3 – Engajamento médio por tipo de post

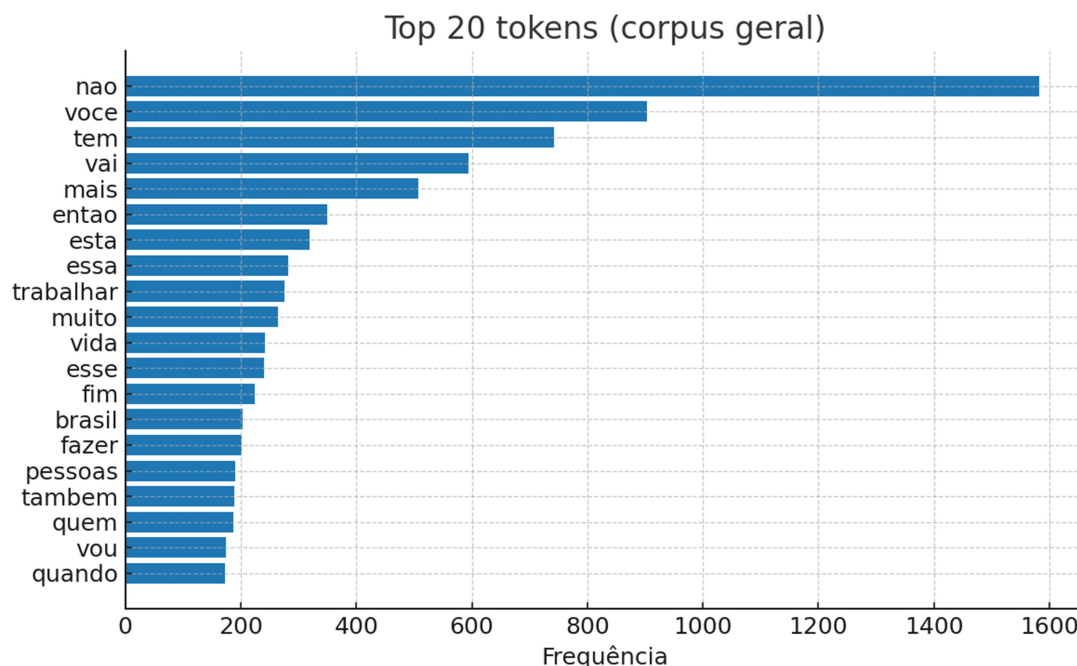


Assim, podemos perceber que o trabalho feminino aparece de maneira restrita nas postagens da amostra, com poucos autores engajados. Porém, mesmo com esta baixa frequência, essa temática desperta interesse. Isto porque, é notável que as *hashtags* ligadas a direitos trabalhistas e igualdade de gênero no trabalho sugerem conexões com movimentos sociais mais amplos, ainda que contenham conotações mais leves ou humorísticas.

5.3 Escala 6X1: linguagens, estratégias e contornos discursivos

Para que essa análise pudesse construída, foram separados dois *corpus* textuais. Primeiro, o *corpus* textual de transcrições do *dataset* inicial, utilizando a *hashtag* #escala6x1 como norteador da busca. E depois, o *corpus* referente à temática do trabalho feminino. Essa análise enfatiza n-gramas, ou seja, sequências de palavras ou letras que aparecem lado a lado em um texto e que tem como uma de suas aplicações a análise textual.

A análise do *corpus* enfatiza *tokens* (unigramas), bigramas e trigramas mais frequentes, removendo *stopwords* e termos muito genéricos do domínio (ex.: ‘escala’, ‘trabalho’).

Figura 4 – Top 20 *tokens* (amostra completa)

Tokens são n-gramas compostos de apenas uma palavra, também chamados de unigramas. A análise dos *tokens* mais frequentes no *corpus* geral mostra um vocabulário fortemente ancorado na oralidade e na proximidade comunicativa típica do TikTok, conforme veremos a seguir

As palavras mais recorrentes, “não” (1583), “você” (904), “tem” (742), “vai” (595), “mais” (508) e “então” (349), são características de um discurso coloquial e ao mesmo tempo direcionado, conversando com um público determinado – no caso, a audiência de quem está publicando aquele conteúdo, formada por seus seguidores. A recorrência de conectivos como “então”, “quando” e “também” reforça a fluidez narrativa e a oralidade, características de vídeos curtos, espontâneos e que defendem uma tese específica. Essa fala direcionada, simulando diálogo, é que acaba mobilizando emoções e identificação de quem consome aquele conteúdo – gerando engajamento. A repetição de verbos como “vai”, “vou”, “trabalhar” e “fazer” evidenciam que ação e trabalho no centro do debate. O “ir trabalhar”, o ato de trabalhar, de fazer coisas, está no centro das narrativas construídas nos conteúdos da amostra. Ou seja, estamos diante de um debate que baseado em conversas sobre trabalho, ou sobre o “ir trabalhar”, “ir fazer”.

Além disso, o uso recorrente de pronomes pessoais e possessivos como “você”, “meu”, “seu”, “minha” e “sua” sugerem um compartilhamento de experiências pessoais. O uso destas palavras evidencia que os conteúdos apresentam um ponto comum em suas

retóricas, que é uma narrativa personalizada - a experiência exposta no vídeo é compartilhada em primeira pessoa. O efeito disso é que ao mesmo tempo em que aproxima o público da sua narrativa, familiarizando-o com ela, o produtor do conteúdo transforma o espectador em interlocutor – levando-o a se posicionar a respeito, e portanto, engajando (curtindo ou comentando).

Até aqui, entendemos um debate contornos coloquiais, embora direcionados a um público determinado. Simula um diálogo, mobilizando emoções e identificação (ou repúdio) de seu público. Seu tema gira em torno de experiências pessoais dos criadores de conteúdo, relativas ao ato de trabalhar, ao “ir trabalhar” ou “ir fazer”, que é familiar ao público dos vídeos. A isto, outros temas se somam, evidenciados por termos como “vida” (242), “semana” (150) e “tempo” (159), que revelam que a discussão sobre o trabalho está fortemente associada ao uso do tempo e ao desejo de equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Vários dos conteúdos pesquisados giram ao redor dessa temática: sobre a indisponibilidade para resolver coisas do dia a dia que só podem ser resolvidas em horário comercial, ou sobre a falta de tempo para coisas básicas, da própria reprodução da força de trabalho. Já a frequência de “fim” (224) reflete a estrutura temática do debate em torno do “fim da escala 6x1”, completando esse direcionamento das falas, pelo fim da escala, negando sua permanência.

Palavras como “brasil” (204), “pessoas” (191) e “trabalhador” (160) indicam uma dimensão coletiva da pauta, sugerindo que o debate ultrapassa o plano individual para se configurar como discurso social compartilhado, voltado à crítica das condições estruturais do trabalho no país – tendo como central a figura do trabalhador, que aparece tanto como sujeito de direitos como sendo o principal ator da necessidade de mudança que o debate reverbera.

Assim, é perceptível através desse léxico predominante que a linguagem informal se torna um catalisador da construção de pertencimento, se tornando meio de politização – e estabelecendo uma ponte entre o popular e o político. É um vocabulário marcado pela mobilização de emoções, pela identificação, pela chamada para ação e pela temporalidade, estruturando o discurso digital sobre trabalho em sentir, fazer e viver o tempo. Em outras palavras, esses *tokens* revelam como as formas de engajamento discursivo e emocional transformam a jornada de trabalho em narrativa social amplificadora, registrada e posta em movimento pela cultura de plataforma.

Tabela 8 – Bigramas e trigramas

Bigrama	Frequência (Bigramas)	Trigrama	Frequência (Trigramas)
nao tem	150	well well well	25
voce nao	105	nao nao nao	21
voce vai	77	nao tem tempo	13
voce tem	75	voce nao tem	12
nao vai	72	voce nao consegue	11
nao nao	72	voce vai trabalhar	11
todo mundo	46	nao quer trabalhar	10
nao quer	45	voce nao quer	8
voce trabalha	42	nao tem vida	8
nao pode	36	meu meu meu	8
classe trabalhadora	32	nao sei voce	7
qualidade vida	31	quem ganha mil	7
contra fim	30	voce nao vai	7
nao sei	29	voce nao sabe	7

congresso nacional	28	voce vai fazer	7
--------------------	----	----------------	---

A análise dos bigramas e trigramas mais frequentes no *corpus* geral revela padrões discursivos que reforçam o caráter oral, afetivo e performático do debate sobre a jornada de trabalho no TikTok. Essas combinações de palavras evidenciam não apenas a estrutura linguística predominante nas falas, mas também o modo como os criadores constroem intimidade, ironia e mobilização por meio da repetição e da interpelação direta ao público.

Entre os bigramas, expressões como “não tem” (150), “você não” (105), “você vai” (77) e “você tem” (75) apontam para um discurso argumentativo e instrucional, no qual o criador de conteúdo fala em tom de advertência, conselho ou crítica. Esse padrão reflete a retórica típica dos vídeos curtos, em que se busca capturar a atenção do espectador desde o início por meio de frases diretas e cujo significado seja claro e sem ruídos. A repetição de negações — como em “não vai” e “não não” — intensifica a entonação emocional e o senso de urgência, frequentemente associado a narrativas de injustiça ou resistência.

A presença de bigramas como “classe trabalhadora” (32), “qualidade vida” (31) e “congresso nacional” (28) evidencia a dimensão sócio-política da discussão de maneira explícita. Esses termos refletem a apropriação de uma linguagem de reivindicação e cidadania, em que os *tiktokers* articulam demandas coletivas e contextualizam o debate no campo institucional. Essa mescla entre o tom coloquial e o vocabulário da militância política reforça o caráter híbrido do discurso digital já citado anteriormente – a ponte entre o público e o político.

Nos trigramas, estruturas como “não tem tempo” (13), “você não tem” (12) e “você vai trabalhar” (11) reforçam a centralidade da falta de tempo de qualidade e da sobrecarga e da exaustão nas narrativas. A falta de tempo surge como realidade concreta na qual se baseia a crítica à escala 6x1, enquanto frases como “não quer trabalhar” ou “quem ganha mil” evocam debates morais e econômicos a respeito de sobrecarga, desigualdade social, questionando em quem recai a sobrecarga causada pelo trabalho excessivo e pela baixa remuneração.

Expressões repetitivas e irônicas, como “well well well” (25) e “meu meu meu” (8), evidenciam o uso de marcadores de performance e humor, comuns na plataforma. Esses trechos são frequentemente empregados de modo cômico ou sarcástico, acompanhados de teatralização, também funcionando como gatilhos de engajamento e identificação.

A recorrência de combinações como “você não consegue” e “você não vai” também sugere a existência de narrativas de impotência, mas não impotência a respeito do fim da escala 6por1, e sim da sua impotência diante da jornada de trabalho excessiva e que lhe impossibilita. Esse tipo de construção verbal, simples mas emocionalmente carregada, traduz a experiência cotidiana de precarização em um formato facilmente compartilhável e reconhecível, mobilizando o sentimento de identificação e mobilizando, ainda eu virtualmente ou digitalmente, trabalhadores que se identificam com estas vivências.

Analisados juntos, os bigramas e trigramas revelam a oralidade da discussão sobre escala 6por1, combinando uma linguagem de proximidade, com, por vezes, humor performático, e de outras vezes, a exposição de suas vivências e narrativas a respeito da vida e da rotina, estruturando-se por meio de repetições, negações e interpelações diretas. Isso faz com que a experiência do trabalho seja objeto de uma linguagem afetiva e viral. A partir disso se forma um conteúdo de crítica social, e o resultado é uma narrativa que, ao mesmo tempo, denuncia a desigualdade e estabelece uma conexão entre trabalhadores que estão efetivamente desorganizados politicamente – possibilitando a amplificação dessa narrativa e sua transformação em debate político-institucional.

5.4 Mulheres na escala 6x1: linguagens e contornos discursivos (a concluir)

No *corpus* de transcrições das legendas dos vídeos, foram extraídos trechos que mencionam explicitamente o trabalho da mulher, o trabalho doméstico ou o cuidado. Esses trechos foram classificados a partir de seu conteúdo em cinco categorias principais: sobrecarga e dupla jornada, cuidado e trabalho invisível, precarização e desigualdade, resistência e reivindicação, e humor/estereótipos.

A Tabela 9 apresenta as postagens identificadas no *dataset* que mencionam trabalho feminino, mulher, trabalho doméstico ou temas relacionados a cuidados de casa. Cada registro inclui o texto do post, o link para acesso e métricas de engajamento.

Tabela 9 – Postagens sobre Trabalho Feminino, Doméstico ou de Cuidado de Casa

ID	Texto	Link	Colle cts	Comm ents	Likes	Plays

ID	Texto	Link	Colle cts	Comm ents	Likes	Plays
749693956 754776397 4	Que papo é esse que debater temas relacionados às mulheres não é debater os problemas dos trabalhadores? #escala6x1 #feminismo #mulheres	https://www.tiktok.com/@manueladavila_/video/7496939567547763974	2.33 K	1.45K	55.70 K	522.40 K
748035391 514245862 9	<p>❑ Vai perder esse convite direto do ato do dia Internacional de luta das mulheres trabalhadoras??</p> <p>Hoje estivemos no ato do 8 de março em defesa das trabalhadoras terceirizadas, pelo fim da escala 6x1, por direito ao aborto livre, seguro e gratuito, pelas cotas trans e por uma Palestina livre!</p> <p>Vem com a gente no TOUR COMUNISTA, debater mais sobre a luta das mulheres na universidade, desde as trabalhadoras terceirizadas lutando por melhores condições de trabalho até as estudantes que conquistaram seu direito à moradia na Casa de Estudante da UFRGS durante a ditadura</p> <p>Dia 22 de março no Campus Centro da UFRGS!</p> <p>#ufrgs #esquerda #socialismo</p>	https://www.tiktok.com/@faisca.ufrgs/video/7480353915142458629	257	7.87K	1.41 K	152.00 K
752676039 211932396 0	FIM DA ESCALA 6X1 ❑ #fypopppppppppppppp #mulherdepreso❑❑❑❑ #foryoupage #triste #fyp	https://www.tiktok.com/@ofc_junismith/video/7526760392119323960	7	3	135	1.52K

ID	Texto	Link	Colle cts	Comm ents	Likes	Plays
753810930 606383442 4	<p>☐ EM BRASÍLIA Na luta por mais direitos para a classe trabalhadora! ☐☐</p> <p>Nós, Metalúrgicos de Sorocaba e de Taubaté, em conjunto com a CNM-CUT, estamos hoje no Congresso Nacional para entrega do abaixo-assinado da Campanha da Redução da Jornada de Trabalho, Sem Redução de Salários e Fim da Escala 6x1! E nosso grande Deputado Federal Kiko Celeguim nos recebe, fortalecendo e endossando essa luta! ☐☐☐☐</p> <p>Essa mobilização é fruto do trabalho incansável dos sindicatos, que percorrem fábricas, assembleias e toda a base para ouvir a categoria, coletar assinaturas e pressionar nossos deputados em defesa das pautas dos trabalhadores. ☐</p> <p>Para a classe trabalhadora, essas mudanças representam mais tempo para viver, cuidar da saúde, estar com a família e estudar, sem abrir mão do sustento. Com unidade e organização, seguimos mostrando que quando a gente se une, avançamos!</p> <p>#leandrosoares #smetal #trabalhadores #fimdaescala6x1</p>	https://www.tiktok.com/@leandrosoares.sp/video/7538109306063834424	4	6	60	605
743687642 818186783 2	<p>Só é a favor da escala 6x1 quem tem amante no trabalho #escala6x1 #mulherdepresso☐☐☐☐ #neymar #fyp #viral #meme #humor #vaiprofyinferno #tiktok</p>	https://www.tiktok.com/@llucascorreaa_/video/74368764281867832	2.07 K	144	32.10 K	316.90 K

ID	Texto	Link	Colle cts	Comm ents	Likes	Plays
753855648 391559916 0	<p>☐🗨 Eles tentaram nos cal4r... mas não vão conseguir! Em defesa dos trabalhadores nas indústria Dragão em Mata de São João☐.</p> <p>☐Trabalhadores e trabalhadoras, meu perfil oficial foi bloqueado por seguir firme na defesa dos trabalhadores e pelo fim da injusta escala 6x1. ☐☐ Mas a nossa luta é maior que qualquer bloqueio☐!</p> <p>☐☐ Esse é o perfil 2, e é daqui que vamos continuar unidos, defendendo direitos na fé e na esperança, falando de cidadania, direitos sociais e lutando por uma Bahia e um Brasil mais justo, humano, igualitário, recíproco para todos nos homens e mulheres de boa vontade. Siga meu perfil. Curta e compartilhe. Muito obrigado. Gratidão</p> <p>☐ Preciso muito de vocês agora:</p> <p>☑Siga este novo perfil</p> <p>♥☐ Curta nossas publicações</p> <p>☐ Compartilhe para que todos saibam onde estamos</p> <p>☐ Comente e participe – sua voz fortalece a nossa</p> <p>Cada curtida, cada comentário e cada compartilhamento é um recado claro: não vamos nos calar e não vamos desistir. 🗨☐</p> <p>#FimDaEscala6x1 #TrabalhadorUnido #DireitosSociais #ForçaColetiva #HamiltonSacramento</p>	https://www.tiktok.com/@hamiltonsacramento13/video/7538556483915599160	1	1	26	474

ID	Texto	Link	Colle cts	Comm ents	Likes	Plays
743733051 124620011 9	Vá dar sua opinião na sua casa... Fim da escala 6x1. #vat #movimentovat #fimdaescala6x1 #qualidadedevida	https://www.tiktok.com/@suzyeeu/video/7437330511246200119	3	4	123	4.17K

Fonte: elaboração da autora

Alguns exemplos são bem representativos do que está expresso nos conteúdos, conforme abaixo:

"Sempre sobra pra mulher cuidar da casa mesmo depois do serviço pesado." (ID 102)

"Falam que trabalho doméstico não é trabalho, mas consome todo meu tempo." (ID 214)

"A gente luta por igualdade salarial, mas ainda ganha menos." (ID 311)

"Transformamos em piada a ideia de que mulher dá conta de tudo." (ID 425)

A classificação dos exemplos a partir deste recorte gerou a seguinte distribuição:

Tabela 10 – Tabela Resumo das Categorias

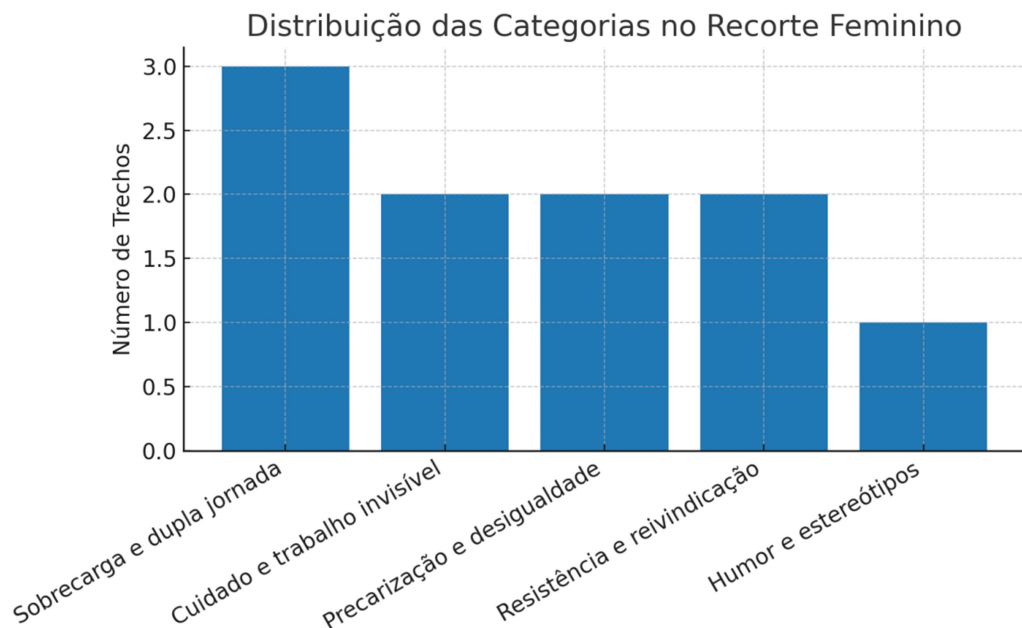
Categoria	Nº de Trechos	Descrição
Sobrecarga e dupla jornada	3	Vários trechos destacam a sobreposição entre trabalho formal e responsabilidades domésticas, reforçando a ideia de que o trabalho feminino é socialmente associado à casa e ao cuidado.
Cuidado e trabalho invisível	2	Aparecem referências a atividades de cuidado de filhos, idosos e manutenção do lar, em geral tratadas como obrigação naturalizada da mulher.
Precarização e desigualdade	2	Há menções a condições precárias, falta de reconhecimento ou remuneração adequada, sugerindo uma assimetria de gênero no mundo do trabalho.
Resistência e reivindicação	2	Alguns trechos fazem referência a direitos, igualdade salarial e críticas ao machismo, colocando o tema no campo das lutas sociais e políticas.

Categoria	Nº de Trechos	Descrição
Humor e estereótipos	1	Também surgem postagens em tom humorístico, que podem reforçar ou ironizar estereótipos ligados ao papel da mulher no trabalho e na casa.

Fonte: elaboração da autora

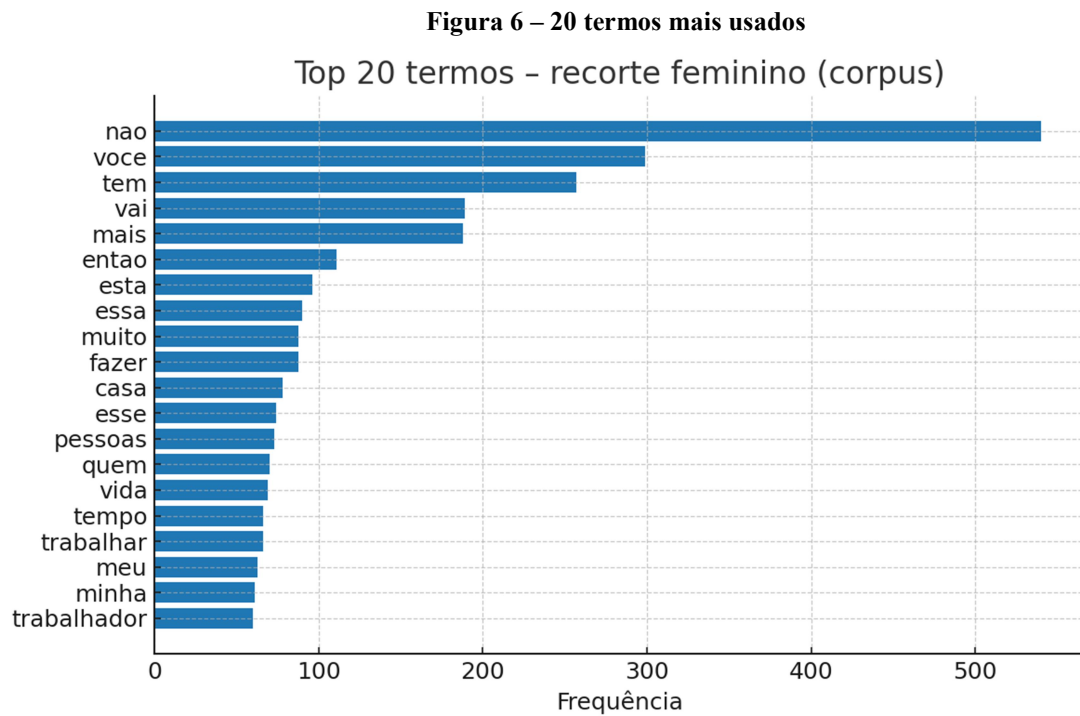
O gráfico a seguir sintetiza visualmente essa distribuição:

Figura 5 – Distribuição dos conteúdos por categoria - recorte



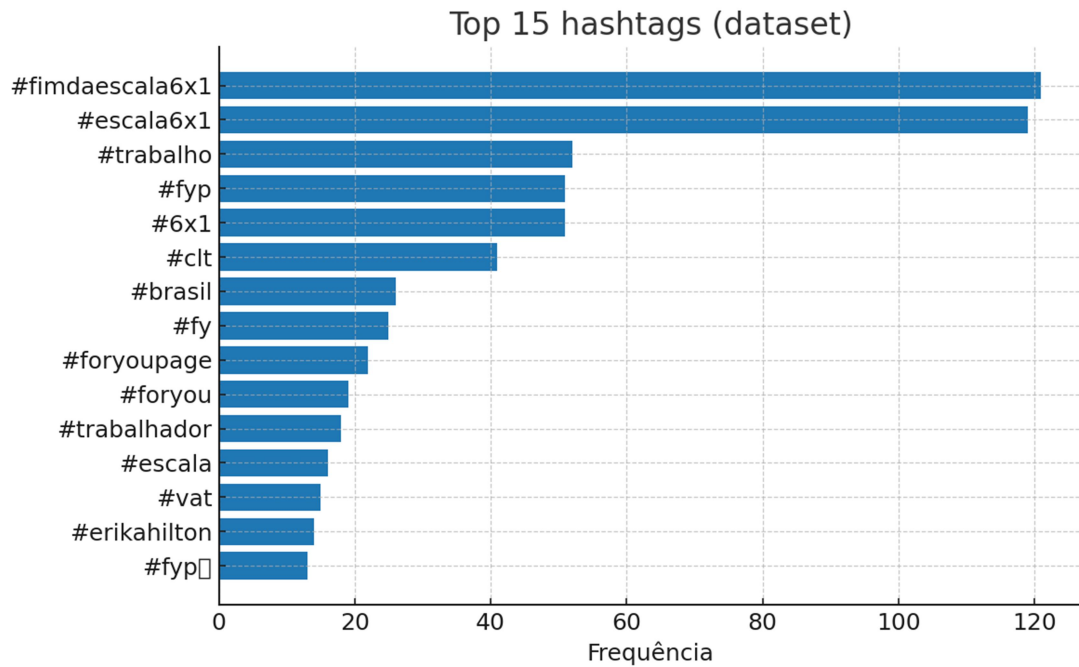
Os resultados indicam que quando o trabalho feminino é uma temática dentro da discussão sobre o fim da escala 6x1, ele aparece quase sempre como uma denúncia de sobrecarga, ainda que inserida em conteúdos de humor. O campo discursivo é diverso, tendo tanto ativistas, sindicatos e perfis engajados reforçando essa luta por direitos em vídeos políticos ou informativos, ou banalização ou reforço de papéis tradicionais de gênero, em contexto de entretenimento. Neste segundo contexto, são comuns vídeos de mulheres que relatam a sua dupla ou tripla jornada, trocando dicas a respeito, naturalizando essa sobrecarga e tratando-a como algo rotineiro, naturalizado. Essa ambiguidade mostra que o reconhecimento da sobrecarga feminina em relação ao exercício do trabalho reprodutivo ainda oscila entre a crítica social e a naturalização de desigualdades.

Ao analisar os termos que aparecem com maior frequência no *corpus* textual, percebemos que o debate passa a carregar consigo a temática da sobrecarga, como podemos ver no gráfico a seguir:



De um lado, o debate sobre a escala 6x1 de forma geral (apresentado no item 5.3) mobiliza repertórios de denúncia e mobilização coletiva no *corpus*, com forte ênfase em carga horária, saúde e vida pessoal. Neste recorte do debate, quando a mulher é o elemento guia da pesquisa, essa ênfase se desloca para sobrecarga, cuidado e desigualdade. As palavras “muito”, “fazer” e “casa”, já sinalizam uma quantidade maior de afazeres fora do espaço produtivo – ou seja, fora da escala 6x1 e para além dela, sinalizando esse acúmulo.

Nas *hashtags* do *dataset*, observa-se que marcadores de gênero aparecem junto a temas de mobilização e direitos, mas ainda com menor volume relativo quando comparados às *hashtags* gerais do debate. Nesta contagem, foram incluídas as frequências gerais e do recorte feminino, além de pares de coocorrência. Essas *hashtags* revelaram dois campos principais de inserção discursiva: (i) lutas sociais, sindicatos e ativismo (*#igualdadesalarial*, *#direitosdasmulheres*, *#8M*); e (ii) contextos de humor e reforço de estereótipos (*#trabalhodemulher*, *#faxina*, *#donadecasa*). Isso sugere que o tema circula tanto em campos críticos e políticos quanto em esferas mais informais e de reprodução de papéis tradicionais.

Figura 7 – Top 15 – *Hashtags* (geral)

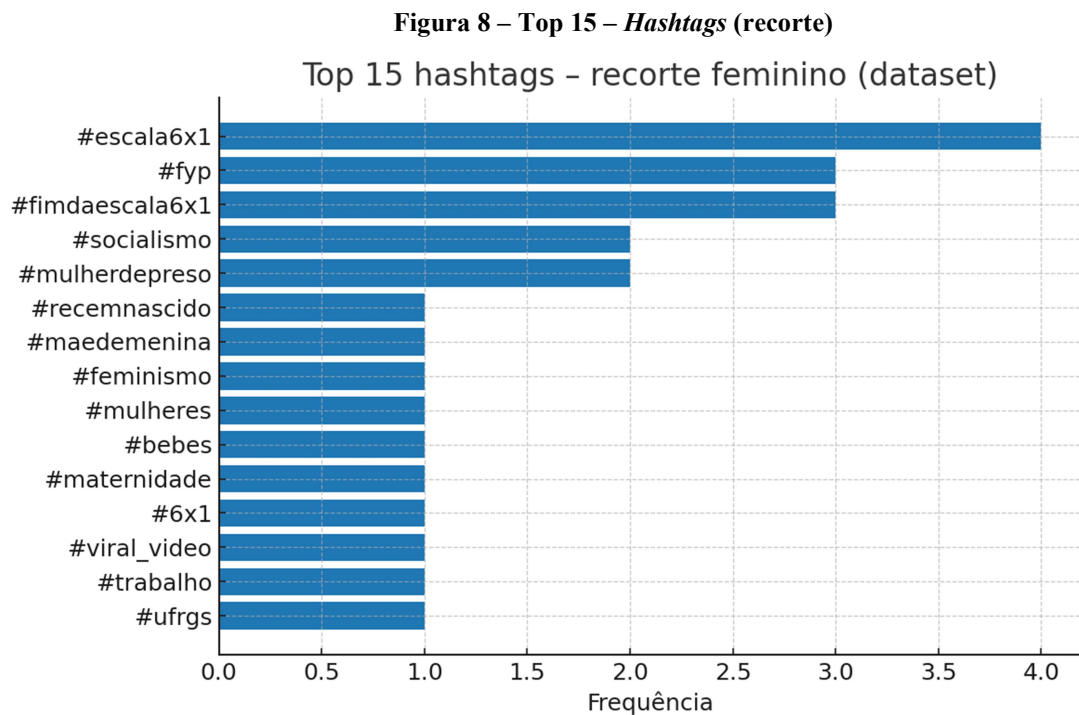
O gráfico 5 (acima) apresenta as *hashtags* mais recorrentes nos vídeos analisados sobre o fim da escala 6x1, revelando padrões de associação discursiva e estratégias de visibilidade adotadas pelos criadores. As *hashtags* mais frequentes — #fimdaescala6x1 (121 ocorrências) e #escala6x1 (119) — funcionam como marcadores centrais da discussão, sintetizando a pauta e permitindo que o conteúdo seja facilmente encontrado dentro da plataforma. Esses marcadores configuram um eixo semântico que une diferentes discursos: reivindicatórios, humorísticos, informativos e políticos.

A presença expressiva de *hashtags* como #trabalho (52), #clt (41), #trabalhador (18) e #trabalhadores (10) reforça a figura do trabalhador como ator central do debate, muito embora isso não configure uma consciência de classe, ou sequer uma união em torno de uma pauta real. Elas articulam a discussão sobre a jornada de trabalho com o rol de direitos trabalhistas, e falam em valorização profissional em contraponto à precariedade de contratações fora do regime celetista. E assim, gerando identificação, vai ganhando forma a transformação da experiência individual em pertencimento de classe.

Por outro lado, a ocorrência de *hashtags* genéricas e amplamente usadas no TikTok, como #fyp (51), #fy (25), #foryoupage (22) e #foryou (19), indica estratégias voltadas para o algoritmo de recomendação, visando ampliar o alcance e inserir o tema em circuitos de viralização mais amplos.

As etiquetas *#humor* (10) e *#noticias* (10) mostram a coexistência de duas abordagens predominantes: o humor como linguagem de crítica e resistência e o impulsionamento de informação – embora a qualidade destas informações não tenham sido pesquisadas. Já *hashtags* como *#politica* (13) e *#erikahilton* (14) apontam que a dimensão política está muito presente na rede, mostrando a inserção de vozes parlamentares e militantes no debate. Isso demonstra o entrelaçamento entre a discussão trabalhista – vivencial e emocional - e a disputa político-partidária, no sentido da mudança.

A diversidade de *hashtags*, portanto, demonstra que o debate sobre o fim da escala 6x1 no TikTok se caracteriza como uma narrativa multimodal, na qual o engajamento é construído tanto por meio da emoção e da experiência quanto pelo uso de estratégias algorítmicas.



A partir do recorte feminino do *dataset*, observa-se que as *hashtags* mais utilizadas nos vídeos sobre o fim da escala 6x1 mantêm a centralidade do tema trabalhista, mas introduzem marcadores que revelam a intersecção entre gênero, cuidado e militância. A presença de *#escala6x1* (4), *#fimdaescala6x1* (3) e *#trabalho* (1) confirma a adesão das criadoras ao debate geral sobre a jornada de trabalho, porém suas narrativas deslocam o foco da denúncia genérica sobre a exaustão para uma reflexão sobre o impacto da carga de trabalho na vida das mulheres e suas múltiplas jornadas.

Entre as *hashtags* mais expressivas, surgem elementos que vinculam o tema ao universo da maternidade e do cuidado, como #recemnascido, #maedemenina, #bebes, #maternidade e #mae. Esses marcadores denotam que existe, socialmente, uma demarcação social que demarca esses múltiplos papéis.

Outras *hashtags*, como #feminismo e #mulheres, indicam um esforço consciente de politização da experiência feminina e de inserção do debate sobre a jornada de trabalho no campo mais amplo da igualdade de gênero. Já #socialismo, #esquerda e #ufrgs sugerem a presença de perfis engajados politicamente ou acadêmicos, que articulam a discussão sobre o 6x1 a críticas estruturais ao capitalismo e à precarização do trabalho. Essas vozes tendem a adotar um discurso mais analítico e argumentativo, contrapondo-se à abordagem humorística predominante em outros segmentos da plataforma. A *hashtag* #vidaalemdotrabalho identifica estas postagens com o movimento VAT, que hoje leva como pauta a extinção definitiva da escala 6x1 no Brasil.

Em conjunto, as *hashtags* do recorte feminino revelam que as criadoras no TikTok transformam a pauta do fim da escala 6x1 em um discurso híbrido, onde se entrelaçam as vivências típicas da condição feminina, ligadas à reprodução da força de trabalho, e as vivências femininas sobre o trabalho – tanto produtivo como reprodutivo. Nesse sentido, o TikTok se configura como espaço de visibilidade das múltiplas jornadas das mulheres. No entanto, nem sempre o trabalho feminino é narrado neste contexto da reivindicação – ou de uma clareza sobre isso. Vários vídeos que estão na amostra são na verdade conteúdos de mães usuárias da plataforma que compartilham suas rotinas, sendo mães, donas de casa e trabalhadoras em escala 6x1.

Nesse contexto é, é interessante lembrar que as *hashtags* centrais — #fimdaescala6x1 e #escala6x1 — aparecem em muitos destes conteúdos protagonizados por mulheres que relatam, com humor ou ironia, este cotidiano de jornadas múltiplas e a dificuldade de conciliar o trabalho formal, produtivo, com o cuidado doméstico e familiar. Ou seja, há uma disposição em relacionar as duas questões. Expressões como “trabalhar 6x1 e ainda cuidar da casa” ou “descanso é lavar roupa e dormir” são frequentes nas legendas e comentários, revelando que o debate sobre a jornada, quando se trata das experiências femininas, vai além da questão trabalhista ou sindical, ou da dignidade do trabalho de maneira geral, e alcança o campo da experiência de gênero.

De forma geral, *hashtags* como #trabalho, #clt e #emprego ganham novos significados quando articuladas às performances femininas que dramatizam a exaustão e

reivindicam reconhecimento. Muitas criadoras utilizam humor como ferramenta de denúncia, transformando situações de cansaço e frustração em conteúdo compartilhável. Esse uso criativo do humor — presente também em vídeos marcados por #humor e #fyp — não apenas amplia o alcance das publicações, mas também constitui uma forma de resistência simbólica, em que o riso serve para narrar e publicizar a experiência de desigualdade.

A presença de *hashtags* como #política e #erikahilton também no recorte reforça o entrelaçamento entre essa pauta e debates sobre representação e direitos. Parlamentares mulheres e criadoras ligadas a movimentos sociais utilizam essas *tags* para conectar a discussão sobre o fim da escala 6x1 com temas como equidade de gênero, valorização do trabalho reprodutivo e dignidade laboral. A circulação desses discursos amplia o campo do debate, inserindo a dimensão de gênero na crítica à precarização e à sobrecarga.

Assim, a associação das *hashtags* ao trabalho feminino revela que o TikTok também vem funcionando como espaço de expressão social, política e emocional das mulheres trabalhadoras (ainda que não se denominem assim) transformando as suas experiências cotidianas em narrativas públicas. A plataforma opera como um repositório coletivo, onde humor, política, denúncias, críticas e informações se entrelaçam para denunciar as desigualdades inclusive na exaustão e na indignidade laboral – e a partir disso, reivindicar o direito ao tempo livre, para além do reconhecimento social das múltiplas jornadas femininas.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em primeiro lugar, a análise deste conjunto de dados permite detectar o quanto esse debate foi apropriado pelos usuários do TikTok. Considerando que os movimentos sindicais já não estão tão à frente desse tipo de movimento (Lemos, 2022), temos que as redes sociais se tornaram o palco de um movimento cuja pauta foi apropriada por um número enorme de trabalhadores (formais ou não), a partir de uma outra forma de mobilização completamente diferente da mobilização sindical já conhecida. Não é a intenção aqui fazer qualquer consideração a respeito do movimento sindical, mas sim indicar que, sem qualquer interferência estruturada destas organizações, as redes sociais surgiram como elemento agregador de um movimento que atualmente está disputando o campo da construção de políticas públicas para o trabalho.

Esse movimento todo se dá em torno do que Empoli (2019) fala sobre o que é engajamento, e sobre a mobilização de emoções e sentimentos nos usuários de plataformas dessa natureza. Cada interação, cada curtida, cada comentário, se dá em torno de uma emoção mobilizada, de um sentimento de identificação, de revolta ou de comoção. Ou seja, não é como se os trabalhadores de forma geral estivessem desconectados dessas pautas. A identificação com aquilo que traz um sentimento de indignidade e desconforto para os trabalhadores é comum – o que mudou parece ser o fator agregador de trabalhadores.

Neste sentido é importante pontuar o seguinte trecho:

As redes sociais não são, por natureza, talhadas para a conspiração. Sean Parker e Mark Zuckerberg não ligam muito para a questão dos trocos errados, nem – presumo – creem que as vacinas causam autismo, ou que George Soros planejou a invasão da Europa por imigrantes muçulmanos. Mas os complôs funcionam nas redes sociais porque provocam fortes emoções, polêmicas, indignação e raiva. E essas emoções geram cliques e mantêm os usuários colados ao monitor. (Empoli, 2019)

Longe de comparar o debate sobre a escala 6x1 com um complô, o que o destaque aqui trazido acrescenta de informação é a emoção e o sentimento de coletividade que ganham forma nas curtidas, comentários e compartilhamentos. O autor fala de complôs, mas esse mecanismo de mobilização pode ser acionado em outros contextos, e ele é, uma vez que sua vocação natural não é limitada a isto. Em outras palavras, o que conseguimos visualizar aqui, dentro do que Empoli traz, é que a mobilização das emoções individuais agora gera um fluxo de dados, concreto, mensurável, registrável, mas também compartilhável – e por essa razão, gera identificação e sentimento de pertença.

Isso é muito visível na análise do *corpus* textual da amostra inicial. A ocorrência de palavras recorrentes indicando uma coletividade, como “brasil”, “pessoas”, “trabalhador”, e de bigramas como “classe trabalhadora”, colocam em palavras essa identificação dos trabalhadores entre si, tendo as redes como espaço de fala. Isso também aparece nos conteúdos de alguns vídeos que demonstram a indignação com os conteúdos trazidos à rede por outros setores e que são contra o fim da escala 6x1, como na transcrição abaixo¹⁵, do nono vídeo mais engajado sobre este tema:

Fui dormir cansada porque sou CLT e acordei com o Léo Picon opinando sobre o fim da escala 6x1. Léo Picon, irmão de Jade Picon, que nos contou no Big Brother que conquistou sua independência financeira aos 13 anos. Sendo CLT? Não. Pegando ônibus lotado? Também não. Trabalhando 6x1? Nunca. ganhando salário mínimo? Não. Ela conquistou a independência financeira dela aos 13 anos porque ela é herdeira, né, meu amor? Se eu fosse herdeira, eu já nasceria com independência financeira. Sim, um herdeiro é a pessoa mais apta pra falar de direito trabalhista e cargo horário de trabalho. Nunca bateu o ponto. Se bater ponto, a mão dele cai. Não aguenta uma semana trabalhando com atendimento ao público sem pedir arrego. A pessoa nunca nem sonhou viver uma escala 6x1, um CLT, um ônibus lotado, acordar antes do sol nascer. E aí ela acha que ela pode opinar sobre isso sem um pingão de sensibilidade.

Neste exemplo, como em outros, essa identificação é muito óbvia na fala da influenciadora quando ela estabelece de um lado, quem tem a vivência da escala 6x1, do ônibus lotado, da vida ganhando um salário mínimo, e de outro, duas pessoas que nasceram herdeiras. O alto engajamento desse vídeo, a ponto de colocá-lo em nono lugar entre 709 publicações, também é um indicador de que essa identificação existe. Ou seja, existe uma construção de intimidade entre iguais, entre pessoas que passam as mesmas situações – formando uma coletividade que ao invés de estar organizada em sindicatos, acaba por estar associada em um conjunto de *hashtags* num espaço virtual, sendo acionada a reagir pelo algoritmo.

Em comparação, quando olharmos para as postagens sobre questões específicas relacionadas às mulheres, a primeira coisa que percebemos é que são conteúdos nichados. O engajamento é muito menor do que posts que não falam disso - tanto que nenhum dos posts que compõem a amostra do recorte, compõe sequer o top 20 da amostra completa. Se de um lado, na amostra geral falamos em milhões de visualizações, esses números aqui não são atingidos nem pelo primeiro lugar. Só que, mesmo com esse baixo alcance, é um debate que existe e é feito a partir de outros parâmetros, diferentes da discussão pela abolição da escala

¹⁵ <https://www.tiktok.com/@falacomamari/video/7436045587545345335>

6x1, tanto no engajamento como nos seus modos discursivos, na forma de promover as associações e identificação. Aliás, esse baixo engajamento faz sentido quando analisamos isto a partir da invisibilização do trabalho doméstico não remunerado, que é historicamente exercido pelas mulheres.

Outra coisa notável é a existência de apenas uma publicação, neste universo de dados, que trata a questão a partir da ideia de trabalho doméstico não remunerado, que é o vídeo da ex-deputada federal Manuela Dávila¹⁶. Foi o único vídeo que apontou a diferença de impacto do fim da escala 6x1 sobre homens e mulheres, sobretudo as mulheres casadas:

Sabe como é que funciona seis por um para os homens, em geral? Seis por um. Sabe como é que funciona seis por um para as mulheres? Seis de trabalho e um lavando roupa, cozinhando, trocando fralda, arrumando a casa e fazendo a faxina da semana e cozinhando a marmita, porque mulheres casadas trabalham mais dentro de casa do que só as que têm filho. O marido conta quase como um próximo filho, não metaforicamente, afetivamente. [Em] Número de horas trabalhadas. De dar trabalho, sim, sim.

A fala da ex-deputada traz uma série de questões, mas em primeiro plano, expõe a atuação de um dos operadores das relações sociais de sexo que atua simultaneamente à divisão sexual do trabalho, que é a categorização. Nas palavras de Anne Marie Devreux,

Cada vez que há divisão sexual do trabalho ou do poder, há criação e reiteração de categorizações sexuadas. A primeira das grandes categorizações sociais de sexo concerne, evidentemente, à partição dos indivíduos entre categorias de sexo, entre “homens” e “mulheres”. Seguiu-se toda uma visão do mundo organizada em um sistema de atributos, de normas, de valores, etc., fixando uma oposição entre o “masculino” e o “feminino”. Por exemplo, o trabalho parental efetuado pelas mulheres, em nome de sua função biológica na reprodução da vida humana, há muito tempo foi qualificado como “função maternal”, sem que haja um equivalente masculino. Assim, a parentalidade, ligada ao fato parental de assumir a responsabilidade material das crianças, não adviria do domínio do social, mas derivaria da natureza maternal das mulheres. (Devreux, 2005)

Esse operador torna-se visível na medida em que surge a informação de que a experiência na escala 6x1 é diferente para homens e para mulheres. Porque a partir disso, é possível afirmar que experiências laborais são diferentes para ambos, e mesmo aquilo que é considerado descanso, se diferencia também – e se diferencia, com base em um critério de verdade baseado nesta oposição:

¹⁶ https://www.tiktok.com/@manueladavila_/video/7496939567547763974

Esse trabalho de categorização operado por meio das relações sociais de sexo consiste em dar – e fixar como verdade – definições sociais: estabelecer o que é um homem e o que é uma mulher; estabelecer o que é trabalho e o que não o é; o que é produção e o que não o é. Estabelecer, também, o que é normal para uma mulher e o que não o é; estabelecer o que é possível para uma mulher e o que não o é; estabelecer o que é socialmente aceitável e o que é desvalorizável, etc.

Embora o vídeo que aqui está sendo analisado, apesar de ser o mais engajado, seja o único tratando dessa temática de forma mais direta, outros conteúdos que fazem parte destas amostras também contêm dados importantes. São vídeos onde as falas sobre isto estão em meio a outros assuntos, não diretamente falando sobre trabalho reprodutivo ou do trabalho doméstico não remunerado. Poucos produtores de conteúdo estão trazendo essa temática de forma direta.

No entanto, o trabalho feminino – produtivo ou reprodutivo, remunerado ou não - é uma temática específica dentro do debate da jornada de trabalho, o que é evidenciado por suas características específicas, e diferentes daquelas que concernem ao debate mais amplo sobre a escala 6x1. A categorização das temáticas que surgem nos vídeos na amostra do recorte já dá uma boa ideia do tipo de conteúdo que encontramos. Os 5 temas mapeados na tabela 9 - Sobrecarga e dupla jornada, Cuidado e trabalho invisível, Precarização e desigualdade, Resistência e reivindicação e Humor e estereótipos já indicam o deslocamento da denúncia da exaustão do trabalhador – relativa à jornada de trabalho - para a exaustão das múltiplas jornadas.

Dito isto, é importante retornar à análise das *hashtags* e dos *corpus* textuais também trazem dados importantes. De um lado, as *hashtags* e n-gramas relativas ao *dataset* completo trazem algum grau de identificação coletiva, ainda que pulverizada, entre trabalhadores. De outro, quando o recorte é feito, isso não acontece, e a ênfase sobre a coletividade na luta por uma redução de jornada é deslocada para a sobrecarga. Nas *hashtags* ainda aparece alguma referência à luta das mulheres, mas que disputam espaço com *hashtags* como #trabalhodemulher, #donadecasa e outros relativos a estes temas. No *corpus* textual dessa amostra, essa referência à militância não aparece, e em seu lugar aparecem referências à maternidade: #recemnascido, #maedemenina, #maternidade, ainda que as criadoras destes conteúdos optem por inserir suas criações no contexto do debate do fim da escala 6x1 através do uso da *hashtag*, mas não através de uma fala mais específica que identifique uma relação com a ela.

Ou seja, o que foi mobilizado para engajar no primeiro grupo de dados – conexão a partir do compartilhamento das vivências de desigualdade – não foi mobilizado no segundo.

Não foi criada aqui uma narrativa social sobre a sobrecarga que aparece nas categorias do *corpus* textual. Justamente por não existir essa narrativa conjunta é difícil falar em um “discurso feminino” no contexto destes dados. Porém, vários conteúdos que compõem a amostra e se utilizam destas *hashtags* não estão necessariamente denunciando as múltiplas jornadas, a invisibilidade ou a sobrecarga, mas sim funcionando como marcadores de sua existência. Contando vivências, sem que isso signifique uma denúncia.

E é justamente quando não há um questionamento sobre o cabimento desta rotina, ou sobre como ela deveria se reorganizar nesse momento de luta por mudança na lógica laboral, é que é possível perceber de forma veemente a invisibilização do trabalho doméstico feminino não-remunerado, e a sua cristalização nesse lugar de tarefa das mulheres, já relatado por Anne Marie Devreux. E as evidências disso, no âmbito desta pesquisa, são justamente estes vídeos, que simplesmente descrevem rotinas de mulheres que trabalham em escala 6x1 e tentam dialogar com a audiência sobre como “dar conta de tudo”, denunciando a própria sobrecarga mas ao mesmo tempo tentando sobreviver a ela, sem questioná-la. Eles materializam o que Silvia Federici (2019) chama de uma enorme vitória do capital à custa das mulheres:

Devemos admitir que o capital tem sido muito bem-sucedido em esconder nosso trabalho. Ele criou uma verdadeira obra-prima à custa das mulheres. Ao negar um salário ao trabalho doméstico e transformá-lo em um ato de amor, o capital matou dois coelhos com uma cajadada só. Primeiramente, ele obteve uma enorme quantidade de trabalho quase de graça e assegurou-se de que as mulheres, longe de lutar contra essa situação, procurariam esse trabalho como se fosse a melhor coisa da vida (as palavras mágicas: “sim, querida, você é uma mulher de verdade”). Ao mesmo tempo, o capital também disciplinou o homem trabalhador, ao tornar “sua” mulher dependente de seu trabalho e de seu salário, e o aprisionou nessa disciplina, dando-lhe uma criada, depois de ele próprio trabalhar bastante na fábrica ou no escritório. (Federici, 2019)

Ao associar a pauta trabalhista à rotina de mães, cuidadoras e donas de casa, os vídeos traduzem a luta pelo fim da escala 6x1 como reivindicação pelo direito ao tempo livre e ao descanso real, frequentemente negado às mulheres – mas esse descanso não inclui a reorganização do trabalho doméstico não remunerado. Ao contrário, mobilizam a ideia de que, se as mulheres necessitam tanto da escala 6x1, é porque o trabalho doméstico não remunerado e feminino é algo que segue sendo tão real que é necessário que as mulheres tenham mais tempo para realizá-lo. Mesmo o vídeo mais engajado e que traz as ideias mais claras sobre as diferenças do impacto da escala 6x1 nas vivências laborais de homens e mulheres, traz essa justificativa para um engajamento feminino maior na luta pelo fim desta jornada.

Essa ambiguidade mostra que o reconhecimento da sobrecarga feminina em relação ao exercício do trabalho reprodutivo que aparece nos dados, ainda oscila entre a crítica social e a naturalização de desigualdades. De um ponto de vista do referencial teórico aqui adotado, faz sentido ponderar sobre uma naturalização tão profunda que mesmo a sobrecarga e a exaustão sendo visíveis nos dados do estudo, isso não é suficiente sequer para gerar engajamento ou mesmo uma identificação como vimos quando tratamos da escala 6x1 de forma geral. Soa natural a mensagem de que mulheres precisam de mais tempo para cuidar de seus filhos e casas. Sobre isto, diz Federici:

É importante reconhecer que, quando falamos em trabalho doméstico, não estamos tratando de um trabalho como os outros, mas, sim, da manipulação mais disseminada e da violência mais sutil que o capitalismo já perpetuou contra qualquer setor da classe trabalhadora. É verdade que, sob o capitalismo, todo trabalhador é manipulado e explorado, e sua relação com o capital é totalmente mistificada. O salário dá a impressão de um negócio justo: você trabalha e é pago por isso, de forma que você e seu patrão ganham o que lhes é devido, (...).

A diferença em relação ao trabalho doméstico reside no fato de que ele não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina. O trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado. O capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural, inevitável e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem uma remuneração. Por sua vez, a condição não remunerada do trabalho doméstico tem sido a arma mais poderosa no fortalecimento do senso comum de que o trabalho doméstico não é trabalho, impedindo assim que as mulheres lutem contra ele, exceto na querela privada do quarto-cozinha, que toda sociedade concorda em ridicularizar, reduzindo ainda mais o protagonismo da luta. (Federici, 2019)

Ou seja, ainda é complicado falar em antagonismo entre homens e mulheres. Até porque esse antagonismo não se materializa da mesma forma que o antagonismo de classe, como pudemos detectar na amostra geral – a exemplo do vídeo que comenta a fala de Léo Picon e que já foi analisado aqui. Não existe “nós” e “eles”, mas sim um conjunto de práticas enraizadas onde o privilégio masculino do não-trabalho é uma regra. Anne Marie Devreux se refere à dificuldade em entender o antagonismo envolvido nesta relação social:

No que concerne às relações entre homens e mulheres, não é fácil admitir a idéia de um antagonismo de classe. Com efeito, essa hipótese sugere que os grupos de sexo se opõem por interesses radicalmente contrários, mesmo que as relações homens/mulheres mais visíveis são feitas de amor, em todo caso, no interior da família. Mais ainda, essas relações de amor subentendem uma solidariedade conjugal que permite a realização de projetos comuns, no sentido oposto do antagonismo de interesses, tais como: a educação dos filhos, a aquisição de uma casa, etc... (Devreux, 2005)

Foi a demonstração da opressão das mulheres no interior do casamento (Delphy, 1970, 1998) que conduziu à ideia de antagonismo. Como classe trabalhando gratuitamente para a reprodução da célula familiar, as mulheres vêem seu trabalho explorado pelo conjunto dos homens, os quais agem no sentido da reprodução dessa divisão do trabalho. No ponto de partida da análise das relações homens/ mulheres, em termos de relações sociais de sexo, encontra-se o postulado do antagonismo. (Devreux, 2005)

Ou seja, depreende-se que mesmo uma relação onde deveria imperar uma confluência de interesses existe um dissenso radical, mas que é velado e que opera no campo do simbólico e no interior da família. No entanto, Delphy (2015), joga luz sobre esta questão, afirmando que é justamente na dinâmica das relações familiares que esse antagonismo se materializa, fundamentalmente (e silenciosamente):

Para sobreviver, toda sociedade deve criar bens materiais (produção) e seres humanos (reprodução). Esses ensaios centram a análise da opressão às mulheres em sua participação específica na produção (e não mais apenas na reprodução), por meio do trabalho doméstico e da criação dos filhos, analisados como tarefas produtivas. Desse modo, eles constituem o embrião de uma análise feminista radical baseada nos princípios marxistas: ao rejeitar as pseudoteorias, que fazem da família antes de tudo um lugar de doutrinação ideológica dos “futuros produtores”, destinado a apoiar indiretamente apenas a exploração capitalista, e ignoram sua função econômica, mostram que na família se dá uma exploração econômica: a das mulheres. Após exporem que as tarefas domésticas e a criação dos filhos cabem exclusivamente às mulheres e que elas não são remuneradas, esses estudos concluem que as mulheres têm, por conseguinte, uma relação específica com a produção, comparável à servidão. (Delphy, 2015)

Ainda, a plataforma Tiktok acaba funcionando como repositório destas vivências femininas sobre trabalho e múltiplas jornadas - assim como de compartilhamento das estratégias que mulheres utilizam para terem sua jornada produtiva – na escala 6x1 – e ainda viverem as demais jornadas que normalmente vivenciam, com o cuidado da casa e dos filhos. E assim, o trabalho feminino é narrado não apenas em sua dimensão produtiva, mas como vivência total — permeada por cansaço, resistência, cuidado, sobrecarga e desejo de reconhecimento. Ainda que não seja o objetivo principal, estes conteúdos acabam por dar visibilidade a vivências ligadas ao trabalho exaustivo, à sobrecarga e à desigualdade na divisão do tempo enquanto dados do cotidiano, não mais como dados estatísticos ou teorizações. E a existência dessas falas também se coadunam com os escritos de Devreux (2005) sobre como o antagonismo das relações sociais de sexo opera, e sobre como as mulheres se movimentam dentro disso:

Os resultados empíricos das pesquisas sobre a situação social das mulheres mostram claramente que, do ponto de vista do devir da dominação de sexo, os interesses dos homens e das mulheres opõem-se radicalmente. Eles lutam para preservar os benefícios obtidos com a dominação sobre as mulheres e a exploração do trabalho delas. Elas lutam para se desembaraçar dessa opressão e reduzir os efeitos dela sobre suas condições de vida, sobre sua liberdade e sobre sua integridade física. (Devreux, 2005).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, compete iniciar reconhecendo que muito ainda poderia ser dito acerca dos achados encontrados por esta pesquisa. As questões relacionadas ao trabalho feminino são muito amplas, ainda que na forma de recorte.

Do que foi exposto aqui, cabe observar a diferença considerável tanto na quantidade quanto na forma do engajamento que acontece quando falamos do debate sobre o fim da escala 6x1 de maneira ampla, e quando fazemos recortes sobre trabalho feminino. Quando estamos falando de maneira mais ampla, é um debate que gera engajamento e que gerou, a partir do desabafo de um homem, uma identificação tão grande que mobilizou movimentos sociais, ativistas e políticos em torno da temática. Ainda, o tema suscitou uma identificação tal entre trabalhadores que, mesmo com a pulverização que é característica das redes sociais, os dados apurados demonstraram a existência de campos de disputa de narrativas a respeito disso baseados numa espécie de perspectiva de classe. Não há dados suficientes para se falar em consciência de classe em sua forma plena, mas com certeza é possível, em outros estudos, analisar este fenômeno a partir de um ponto de vista marxista e entender melhor estes mecanismos e como eles podem contribuir para uma oxigenação da luta dos trabalhadores.

No entanto, quando fazemos um recorte das falas sobre o universo do trabalho feminino – em qualquer de suas nuances – a identificação não acontece da mesma forma. Não há, como no debate mais amplo, um sentimento de coletividade, mesmo pulverizado, como é característico das redes sociais. Existem vivências compartilhadas, mas não há uma narrativa coletiva a respeito das múltiplas jornadas femininas de trabalho, como foi construída na amostra mais geral. Foram trazidos aqui vídeos que falam desde situações inusitadas em família, causadas pela exaustão das mulheres após dias de trabalho na escala 6x1, como também estratégias de sobrevivência utilizadas pelas mulheres para garantir a execução de tudo que lhes é exigido com alguma qualidade de vida.

Várias publicações e conteúdos estudados trazem em si chamados para a ação, com o objetivo de trazer as mulheres para o front da luta contra a escala 6x1. Mas é interessante observar como esse chamado, em primeiro lugar, não engaja. Os movimentos organizados de mulheres já agregaram a pauta, como vimos nos capítulos iniciais deste estudo. No entanto, fora dos movimentos organizados, na arena das redes sociais, isso acontece de forma menos visível – fazendo sentido inclusive com a própria invisibilidade das jornadas de trabalho ligadas ao trabalho reprodutivo, quando são desempenhadas pelas mulheres. E uma vez que

podemos observar a força que este tipo de narrativa ganhou no debate mais amplo, a ponto de impulsionar um debate parlamentar capaz de provocar mudanças na legislação trabalhista, cabe questionar por quais razões os mesmos mecanismos de engajamento que funcionaram no todo, não funcionaram no recorte. Esta temática também pode ser objeto de estudos futuros.

Outra observação importante é que, a reboque do que já é debatido a muito tempo pelo próprio feminismo marxista, a existência desse chamado para a ação feminina no âmbito das pautas trabalhistas mais gerais não é nova. As mulheres frequentemente estão no centro deste tipo de chamado; mas sempre com suas próprias pautas em segundo plano, em favor de pautas anticapitalistas mais gerais. Em outras palavras, os dados mostraram que, no âmbito desta luta específica, as pautas femininas (e feministas) estão restritas a nichos específicos. Mas ainda assim as mulheres são chamadas ao *front* para defender pautas da luta dos trabalhadores, ainda que as pautas que de alguma maneira questionam o patriarcado e suas premissas seguem em segundo plano.

Evidência disso é o fato de que a discussão sobre as múltiplas jornadas femininas está presente no conjunto de dados analisado aqui – mas não é tratada de forma direta, nem levanta uma narrativa coletiva. Ela acaba se perdendo em meio a crítica à falta de tempo para dar conta de tantos papéis, quando poderia dar lugar a uma articulação do debate pelo fim da escala 6x1 com debates sobre outras políticas públicas em discussão no país, como a Política Nacional de Cuidados, por exemplo, ou com as políticas para crianças e adolescentes e outras políticas sociais que contribuem para reprodução da força de trabalho de maneira direta – e consequentemente, para a redução destas outras jornadas.

Em outras palavras, a discussão sobre o trabalho feminino não remunerado existe, mas está escondida. Ela aparece na forma do vídeo da mãe cansada que compartilha sua rotina que não para, na forma do vídeo de humor que fala do que as crianças aprontam por estarem sem supervisão porque a mãe trabalha na escala 6x1, mas está sim presente neste debate. Só que está quase tão oculta e invisível quanto o fato de que o trabalho reprodutivo feminino constitui trabalho, e não um ato de amor, nem um elemento constitutivo da feminilidade.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Gabriela Lima et al. **Descanso digno e saúde mental: análise dos impactos da escala 6x1 na saúde do profissional da enfermagem**. 2025.

BRAMBILA, Bárbara. **Governo levanta dados sobre brasileiros que trabalham na escala 6x1**. CNN Brasil, 04 fev. 2025. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/governo-levanta-dados-sobre-brasileiros-que-trabalham-na-escala-6x1/>>. Acesso em: 26 abr. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 26 abr. 2025.

BRASIL. **Lei n. 605, de 5 de janeiro de 1949**. Dispõe sobre o repouso semanal remunerado e o pagamento de salário nos dias feriados civis e religiosos. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1940-1949/lei-605-5-janeiro-1949-367115-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 26 abr. 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas**. Agência de Notícias IBGE, 11 ago. 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>>. Acesso em: 17 set. 2025.

CARDOSO, Adalberto Moreira. **Dimensões da crise do sindicalismo brasileiro**. Caderno CRH, v. 28, n. 75, p. 493-510, 2015.

COELHO, Rodrigo Durão. **Fim da escala 6x1 vai reduzir desigualdade de gênero, diz coordenadora nacional do Vida Além do Trabalho**. Brasil de Fato, 2025. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2025/04/13/escala-6x1-vai-reduzir-desigualdade-de-genero-diz-coordenadora-nacional-do-vida-alem-do-trabalho>>. Acesso em 02 de jul de 2025.

DE ALMEIDA OLIVEIRA, Daiane; JÚNIOR, Irapuan Glória. **Os Desafios da Gestão da TI no Regime de Escala de Trabalho Efeitos da Escala 6x1 no Suporte Técnico: Effects of the 6x1 Scale on Technical Support**. Journal of Technology & Information (JTnI), v. 5, n. 2, 2025.

DE PESQUISA, IBGE Diretoria. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro, 2021b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3086/pnacm_2021_dez.pdf>. Acesso em: 02 de jul. de 2022.

DELPHY, Christine. **O inimigo principal**: a economia política do patriarcado. Revista Brasileira de Ciência Política, p. 99-119, 2015.

DEVREUX, Anne-Marie. **A teoria das relações sociais de sexo**: um quadro de análise sobre a dominação masculina. Sociedade e Estado, v. 20, p. 561-584, 2005.

DOCA, Geralda. **Qual a posição do governo Lula sobre a escala 6x1**; veja o que diz o Ministério do Trabalho. O Globo, 12 nov. 2024. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2024/11/12/qual-a-posicao-do-governo-lula-sobre-a-escala-6x1-veja-o-que-diz-o-ministerio-do-trabalho.ghtml>>. Acesso em: 26 abr. 2025.

DOS SANTOS, Beatriz Ferreira et al. **Impactos da escala de trabalho 6x1 nas auxiliares de limpeza de um hospital privado de São Paulo**. Revista do Encontro de Gestão e Tecnologia, v. 2, n. 1, p. e21045-e21045, 2025.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**: Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. Vestígio Editora, 2019.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Editora Elefante, 2019.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de pesquisa, v. 37, p. 595-609, 2007.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, p. 55-63, 2003.

LEMO, Maria Cecília de Almeida Monteiro. **Sindicatos no Brasil no século XXI**. Revista Direito das Relações Sociais e Trabalhistas, v. 8, n. 2, p. 91-108, 2022.

MARTINS, Letícia; BORGES, Rebeca. **PEC do 6x1 é protocolada na Câmara dos Deputados**. CNN Brasil, 25 fev. 2025. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pec-do-6x1-e-protocolada-na-camara-dos-deputados/>>. Acesso em: 26 abr. 2025.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro 1. Boitempo Editorial, 2015.

MATSUI, Naomi. **Confederação do comércio diz ser contra PEC do fim da jornada 6x1**. Poder360, 11 nov. 2024. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/poder-economia/confederacao-do-comercio-diz-ser-contrapec-do-fim-da-jornada-6x1/>>. Acesso em: 26 abr. 2025.

MIRANDA, Tiago. **Proposta de redução da jornada de trabalho e fim da escala 6x1 gera debates no Plenário da Câmara**. Agência Câmara de Notícias, 12 nov. 2024. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/1110526-proposta-de-reducao-da-jornada-de-trabalho-e-fim-da-escala-6x1-gera-debates-no-plenario-da-camara/>>. Acesso em: 26 abr. 2025.

Mulheres exigem igualdade de direitos, fim da violência e da escala 6x1 no 8 de março. FENAJUFE, 2025. Disponível em: <http://www.fenajufe.org.br/agencia-de-noticias/ultimas->

noticias/sindicatos/mulheres-exigem-igualdade-de-direitos-fim-da-violencia-e-da-escala-6x1-no-8-de-marco/. Acesso em 02 de jul. de 2025.

NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. **A sociologia digital: um desafio para o século XXI.** Sociologias, v. 18, p. 216-241, 2016.

PICCINI, Matheus. **Mulheres tomam as ruas de Porto Alegre no 8M contra a escala 6x1 e por igualdade.** CUT, 2025. Disponível em: <https://rs.cut.org.br/noticias/mulheres-tomam-as-ruas-de-porto-alegre-no-8m-contr-a-escala-6x1-e-por-igualdade-a609>. Acesso em 02 de jul. de 2025.

PINHEIRO, Wesley Moreira et al. **Mensuração de Audiências e Análise de Engajamento: uma proposta metodológica a partir das mídias sociais.** Estudando Cultura e Comunicação com Mídias Sociais, p. 374-390, 2018.

PODER360. **Internautas criticam ministro do Trabalho por fala sobre escala 6x1.** Poder360, 11 nov. 2024. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-economia/internautas-criticam-ministro-do-trabalho-por-fala-sobre-escala-6x1/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

QUEIROZ, Yasmim; OLIVEIRA, Pâmella. **A interseccionalidade na cobertura jornalística sobre o fim da escala 6x1: um estudo de caso do “Nós, Mulheres da Periferia.”** Monxorós Revista em Ciências Sociais e Humanas, v. 1, n. 03, 2025.

SOUZA, Marília Duarte de; FERRAZ, Deise Luiza. **A (Im) produtividade do Trabalho Reprodutivo e a Exaustão das Mulheres na Contemporaneidade.** Revista de Administração Contemporânea, v. 27, p. e220342, 2023.

TOKARNIA, Mariana. **Fim da escala 6x1 beneficiará mulheres, afirma ministra.** Agência Brasil, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-11/fim-da-escala-6x1-beneficiara-mulheres-diz-ministra>. Acesso em 02 de jul. de 2025.

VAZQUEZ, Bárbara Vallejos. **As desigualdades sociais e a luta pela redução da jornada: limites e possibilidades.** CESIT, 2025

XAVIER, Luiz Gustavo. **PEC que acaba com a escala de trabalho 6x1 é protocolada na Câmara.** Agência Câmara de Notícias, 25 fev. 2025. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1136400-pec-que-acaba-com-a-escala-de-trabalho-6x1-e-protocolada-na-camara/>. Acesso em: 26 abr. 2025.